

ILUSTRAÇÃO

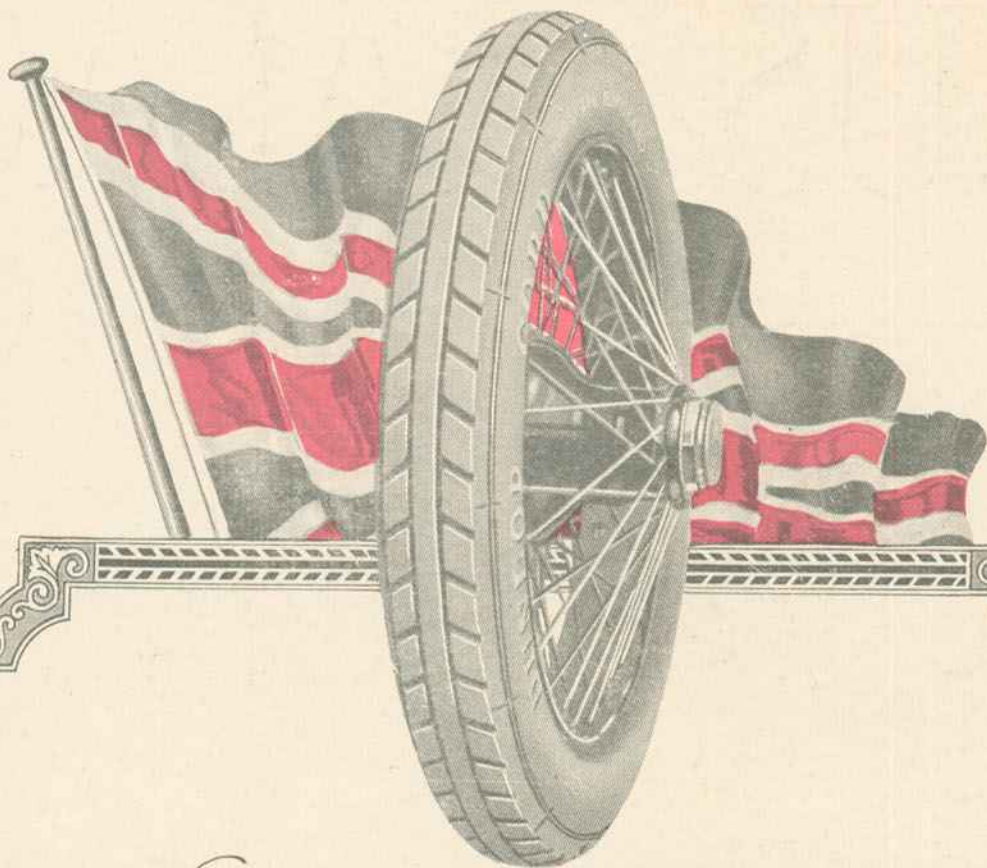


1.º ANO — Número 9

Lisboa, 1 de Maio de 1926

PREÇO 4\$00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



O famoso pneu Dunlop Cord montado na roda d'arame Dunlop

É com a kilometragem que se põe á prova um pneu, e é particularmente n'este ponto que o pneu DUNLOP mostra a sua supremacia sobre todos os outros pneus.

O DUNLOP CORD é um producto completo de manufactura ingleza, e actualmente obtem-se com este pneu o dobro da kilometragem que se conseguia antes da guerra.

calce Dunlop e ficarà satisfeito

À VENDA EM TODAS AS GARAGES DO PAÍS

DEPOSITARIOS GERAES

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7, 1.^o

LISBOA

GUILHERME JOÃO GRAHAM & C.^A

Rua dos Clerigos, 6

PORTO

Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

É a cola mais económica em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio no seu uso.

É apresentada em lindos boiões de alumínio.



Cada boião substitui 5 frascos vulgares de cola líquida.

São elegantes e devem figurar sobre tôdas as mesas de trabalho.

Não se entorna, é do máximo aceio no seu uso, colando imediatamente após a sua aplicação.

PREÇO: 9\$00

Unicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

V. EX.º QUER TER AS PERNAS ELEGANTES?

USE SEM HESITAÇÃO AS

BANDES L. DE CLARKS

em caoutchouc muito fino de cor rosea e muito macio, INVISIVEL DEBAIXO DA MEIA MAIS TRANSPARENTE.

Pela suave massagem que ellas occasionam durante o andamento, facilitam a circulação e tornam a vossa perna elegante e esculpural.

Preço esc. 35000 — *Porte gratis*

VICTOR C. CORDIER

Rua da Prata, 275 — LISBOA
C. Marquez de Abrantes, 1 a 5 — LISBOA
Rua das Flores, 136 — PORTO



PETRÓLEO

M. d. P.

HAHN

PARA O CABELO

De Fr. Vilbert à Lyon

Loção FORTIFICANTE
e REGENERADORA



indispensável para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 20000 FRASCO PEQUENO 14000
VENDA POR GROSSO

J. DELIGANT, L.^{da}

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

AUTOMOBILISTA L.^{DA}

RUA ALVES CORREIA, 160 — LISBOA

.....

A mais antiga casa que se dedica exclusivamente á venda de **ACESSORIOS PARA AUTOMOVEIS**

O mais importante stock de accessorios para automoveis europeus e americanos, para **VENDAS POR GROSSO E A RETALHO**

Fornecedores das mais importantes casas da provincia

Consultae-nos sempre de preferencia e assim **ECONOMISAREIS TEMPO E DINHEIRO**

Os pedidos para a provincia são sempre satisfeitos com a **MAXIMA URGENCIA**

TELEFONE:
NORTE
4 2 1 8



End. teleg:
AUTOMOBILISTA-LISBOA

GLAX_OVO



¿Ha depressão nervosa?

Animo e vigor é a nossa ambição, mas não o conseguimos quando a depressão do sistema nervoso impede o continuo esforço mental necessario. O cansaço ocasionado pela agitada vida moderna produz esta depressão, mas não devemos desanimar pois vence-la-hemos ministrando ao organismo os elementos vitaminicos que produzem o metabolismo fosforico o qual refaz do cansaço cerebral. Fortaleçamo-nos pois com as indispensaveis vitaminas, recorrendo ao Glax-ovo porque o Glax-ovo contem-as todas.

O Glax-ovo é fabricado de elementos fortificantes que contem alem de todas as vitaminas, em especial e em elevadissima concentração, a vitamina do Oleo de Fígado de Bacalhau a qual é extraída depois de separar a gordura que lhe dava o seu gosto e cheiro. Glax-ovo é um compensador vitaminico. Tonifica e reconstrue do cansaço fisico e nervoso e das deficiencias na alimentação.

O Glax-ovo é economico. — é saborosissimo. — não precisa de se lhe juntar leite.

Encha e corte este coupon enviando-o a

SANTOS E BENLISMAN

RUA AUREA, 87, 3.º, LISBOA

para receber uma amostra gratuita de Glax-ovo.

Nome

Rua e n.º

Localidade

Desejo experimentar o glax-ovo num caso de



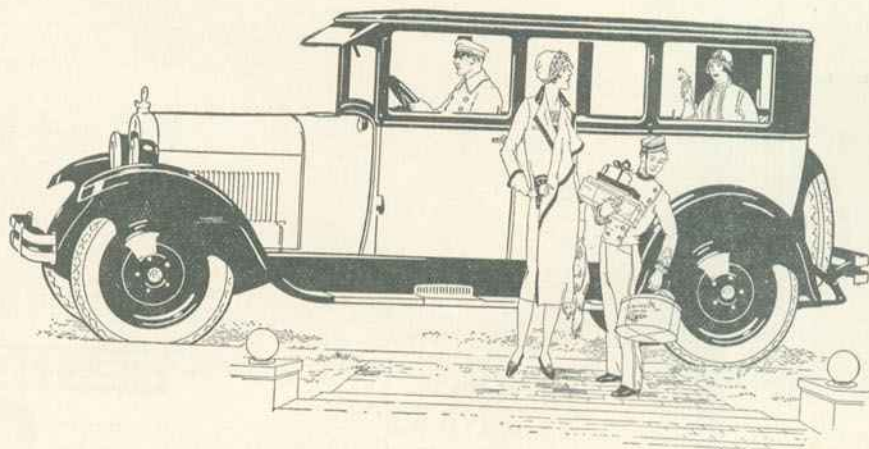
DODGE BROTHERS

O carro fechado de condução interior é o carro que melhor serve o seu proprietário, pois que dêle se pode fazer uso com a mesma comodidade, tanto de inverno como de verão.

De inverno, as vidraças corridas, evitam a chuva e o frio, permitindo, no entanto, aos seus passageiros gosar a vista de todos os pontos por onde passam.

De verão, o seu tejadilho protege os passageiros do sol ao passo que as grandes vidraças descidas permitem a livre circulação do ar.

BERNARDINO CORRÊA, L.^{DA}
1, AVENIDA DA LIBERDADE LISBOA

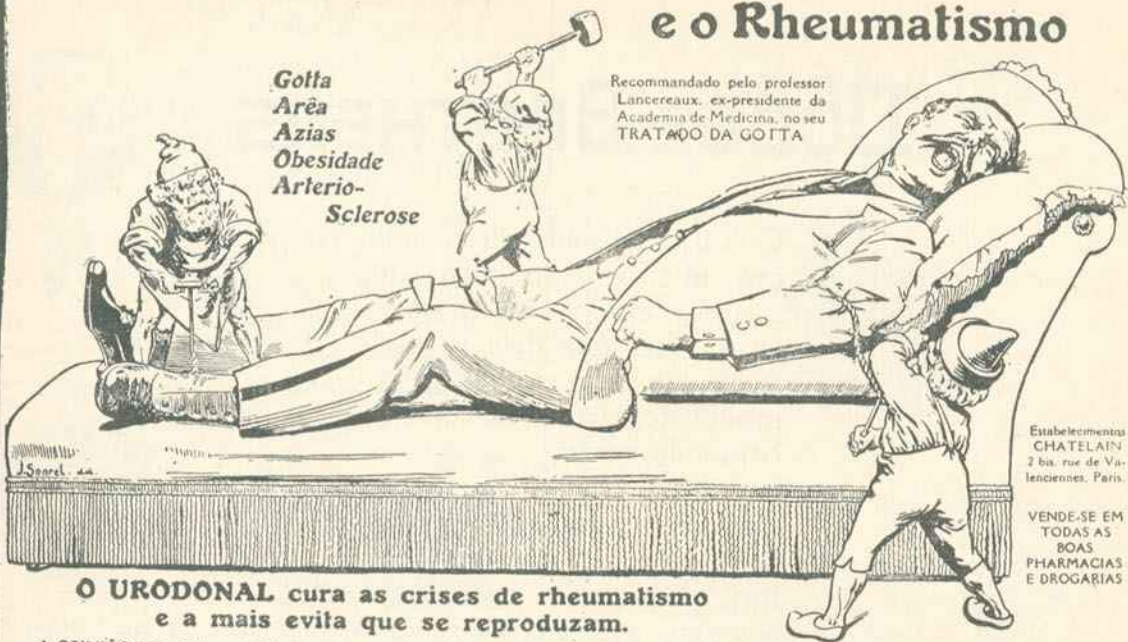


URODONAL

e o Rheumatismo

**Gotta
Arêa
Azias
Obesidade
Arterio-
Sclerose**

Recommandado pelo professor
Lancereaux, ex-presidente da
Academia de Medicina, no seu
TRATADO DA GOTTA



Estabelecimento
CHATELAIN
2 bis, rue de Va-
lenciennes, Paris.

VENDE-SE EM
TODAS AS
BOAS
PHARMACIAS
E DROGARIAS

**O URODONAL cura as crises de rheumatismo
e a mais evita que se reproduzam.**

A OPINIÃO MEDICA: « O Urodonal é não só o dissolvente mais energico do acido urico que se conhece na actualidade, já que tem 37 vezes mais força que a lithina, senão que a mais obra preventivamente sobre a formação d'aquelle acido, ao oppor-se a que se produza com exageração e se accumule nos tecidos peri articulares e nas junturas. »

« Mandei fazer analyses comparativas antes do tratamento e depois, por um pharmaceutico do Urodonal. »

Ex-Professor agregado As Escolas de Medicina Naval, antigo medico dos Hospitais, e me constam assim os bons effeitos do D' JODRY, Medico Chefe do Hospital Militar de Sfax.

A. VINCENT, Lda - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C.

ROYAL WINDSOR

O celebre
Regenerador
dos Cabellos



Restitue aos
Cabellos grisathos
a sua cor natural.
Supprime a Caspa
e suspende a queda dos
Cabellos.

Enjam nos frascos as palavras ROYAL WINDSOR
Deposito: 28 Rue d'Engbien, PARIS
A VENDA EM TODA A PARTE
Deposito para PORTUGAL
A. VINCENT Lda, 56, Rue Ivens, LISBOA

UN JOUR VIENDRA



Perfume
Perturbante
Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix PARIS



TEINDELYS



ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS

Pó adherente
Impalpavel
(todas as cores)

DENTIFRICOS

PASTA, PÓ, OU SABÃO

BENEDICTINS

DE SOULAC



O BENEDICTIN
de SOULAC é o unico
DENTIFRICO cujas
qualidades hygienicas
são appropriadas
aos cuidados da bocca
É absolutamente inof-
fensivo

O BENEDICTIN é um
produto francez
UNIVERSALMENTE
ADOPTADO

REPRESENTANTE e DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A VINCENT, Rua Ivens 56, LISBOA

AS MEIAS de LINHO
"PRINTEMPS"
rão de qualidade
--- GARANTIDA ---
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS, R. Ivens 56 - LISBOA

TEINDELYS

Creme para
o rosto



Mantem o
pó e assegura
uma ex-
celente car-
nação

dá uma
Cór de Lys

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

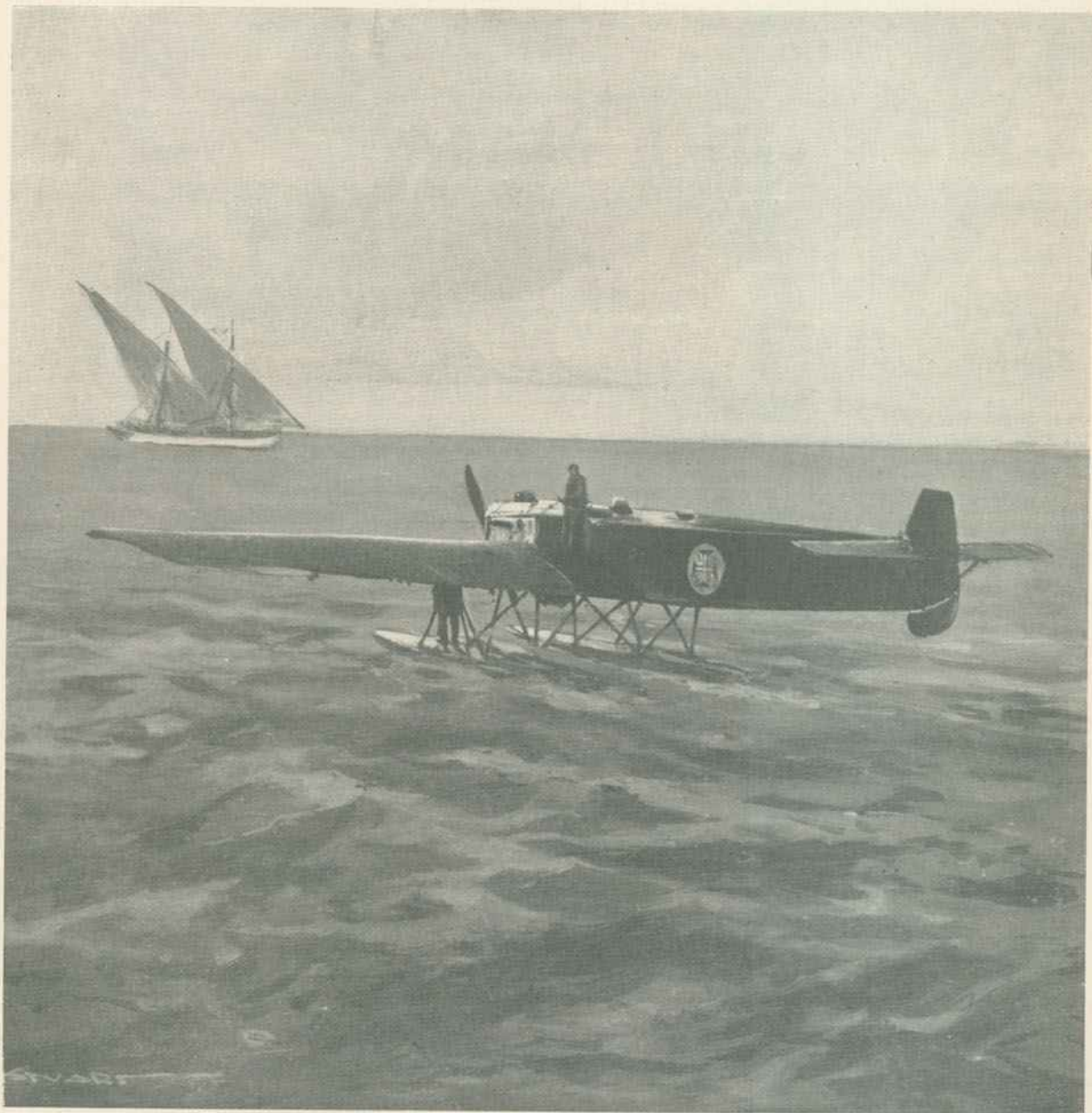
AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.^o—NÚMERO 9

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE MAIO DE 1926



...e ao término de deztoito horas, com uma noite inteira à tona das águas, na incerteza do destino e sob a ameaça da morte, um barco de pobres pescadores enxergou alfim o «Sagres», a umas dez milhas ao norte de Porto Santo, recolhendo então, vivos e sãos, os dois arrojados aviadores e conduzindo o aparelho para Santa Cruz

CRÓNICA DA QUINZENA

Eu tive uma pena infinita a primeira vez que contemplei armado de casco preto, ao estilo de Mambriño, braçal vermelho, bastão em punho, um dos três ou quatro civicos que uma edilidade ultra-civilizada destacou para os boqueiros desta *urbs* ultra-babilónica. Era à roda do meio-dia, e eu via-o estender a vista pelas perspectivas das ruas, com o olhar desalentado de irmã Ana, à espera de tipóia ou automóvel. Mais estranho nem marco fontenário que secou, ou desesperadora da vida que se vai suicidar. Observavam-no com assombro os prédios pombalinos e, lá em cima, muito intrigados, Câmões e os doze pares.

Na rua erma desembocou, afinal, um taxi-palhina, e o pobre-diabo lá ergueu a batuta no belo e hierático gesto, digno dum alcaide de Badajoz. O que esse gesto queria traduzir, percebí-o à perfeição. O carro podia avançar sem riscos no deserto imenso da praça; tinham-se arredado as sombras; o ar cederia sem grande empenho à passagem da máquina ligeira; podia seguir!

O luminoso gesto! Cortado à cinemática do *Bourgeois-gentilhomme*, tendo por um lado a brusquidão linear da continência, por outro a benção pomposa do hissopo, pintava tudo: o labroste fugido à gleba, o vereador que para ali o remeteu e o asno que o ensaiou, a basbaqueira e macaque nacional, e esta Lisboa de capote e lenço, calçada de sapatos à papo-sêco e cabelos à Ninon.

Desapareceu o carro e novamente regressou o civico àquele plantão impertinente da sentinela pompeana, disposto a atalhar a torrente de veículos que galgasse da Patriarcal Queimada, da Travessa da Água de Flor, do Ferregial, e outros maelström da actividade lisboeta. E como por ali se não desgarrasse velocípede ou carroça, o vulto do homem projectava uma sombra inconsolável, sombra de Saará, na rua tão soalheira e descansada, que parecia ali estar desde longe, desde o tempo de Ulisses, a ouvir um cateleiro pregoar a sorte grande.

Li que Simão, o Estilista, ganhou assim o céu. Comandava aos ventos em nome de Deus, e, à altura própria, abria e fechava ao sol as portas do horizonte. Ora, por certo, a vereação, que é democrática, não pretende fornecer santos à cristandade. Aqui andou o dedo mais humano, mais utilitário dum camarista que foi pelo mundo, percorreu as sete partidas, embrenhou-se nos bulevares de Paris, estudou, pulsou, matutou e, como Pedro o Grande, trouxe para adorno e comodidade nossa o autómato fardado das ruas. Qual seja o ignorado Anacharsis, de minha parte, salvé!

Em verdade a esta cidade toda mecânica, toda empilhada de gentes e viaturas, toda *struggle for life*, faltava o homem-providência, com «o abre-te, Sésamo» na ponta do pausinho. Era o breve não sei quê, o fútil e todavia essencial nada, aquilo que aos sábios faz berrar: *eureka!* e aos charadistas: *ora, até que em fim!* a inovação estúpida que um edil aprendeu na estranha e veio auspiciosamente, com os primeiros dias de primavera, parturejar na nossa ditosa terrinha. Que podia trazer o mago à requintada civilização, que disfrutamos, que não fosse supérfluo, ou não provocasse o nosso desdém ou o nosso riso? A torre Eiffel, o túmulo de Napoleão, o museu Grévin, de certo que não. Higiene, asseio, conforto, bem-estar material, temos a ródos. Neste capítulo, graças a uma linha ininterrupta de meticulosas e geniais vereações, podemos dar cartas ao Universo. O lisboeta está pôdre de mimo, derrançado à força de civilização, como aquele Jacinto de *A cidade e as serras*, que mais não sabia desejar. Sobre tudo, depois que o Alfredo Guisado e o Alexan-

dre Ferreira pisaram o largo do Pelourinho, isto tornou-se uma Sibaris. Nada foi esquecido para regalo do corpo e da alma. Ruas de trilho que nem veludo, jardins e parques que envergonham a fantasia bíblica do Paraíso, a electricidade, nas suas mil aplicações, solicita como uma áia — tudo à farta e do melhor. Lá em baixo no Tejo, cada um poderá, todas as manhãs, em mangas de camisa à sua janela, vêr brincar as Tágides ao lume de água. Só este espectáculo incomparável faz de Lisboa um éden e do lisboeta um felizão.

O Argos de capacete alcatroado, comandando às ruas batidas de instante a instante por um furacão de carruagens, veio fechar o ciclo dos adelantos imagináveis para uma capital que se preza. Estamos quites com o progresso. Apeie-se o Chiado, que é uma *blague* sem pés nem cabeça, e ice-se em seu lugar a efigie do vereador que inventou o homem que distribui ritmo nas ruas de Lisboa. Como fantasista mete num chinelo a Bernard Schaw.

Mas — *risum tenendum* — porque me amargurei eu ao ver o pobre lapuz, na sua farda de civico, traçar gaifonas inúteis na rua desamparada? Sem dúvida que tive vergonha quando um grupo de estrangeiros estacou diante do homem, e rompeu a rir por todos os foles. Sem dúvida, também, que tive piedade daquele meu semelhante, obrigado a um papel de farsa sem ter assentado praça de comedida. Amargurei-me, acima de tudo, na minha condição de português, ao sentir o rebaixamento a que chegámos governados por negroides. Porque esta dos três ou quatro civicos arvorados em portageiros das ruas desertas, é *gesta*, a última *gesta* de negroides.

Inegável é que as ruas da capital foram gisadas para o passo da liteira e da cadeirinha e não das máquinas modernas que engolem as distâncias com o mudo de que se acabe o mundo. Bem certo que essas máquinas, que não sonhou sequer o grande Pombal, causam no arruado lisboeta, tacinho e labirintico, uma perturbação, digna de ser ponderada. Mas o problema que surge não é o do automóvel esbarrar com o automóvel, nem o das ruas ficarem bloqueadas por conjunção do movimento. Quando se viu isso? O perigo está em que o automóvel atropelo o peão, mas de tal circunstância não tem consciência o conspícuo edil. Porque as artérias da capital, na sua maioria, não foram feitas para a viação moderna, era lógico que esta fôsse constringida à relativa velocidade. Não, senhores; ruas, peões, e a própria reduzida cifra das carruagens lisboetas é que tem de condicionar-se pela ideia fantástica, megalomana, *rasta*, dumha pletera de viaturas a quem, por mil motivos dumha vida ambiente, à americana, coubesse o direito de deslocar-se a toda.

E a minha amargura brotou daqui: desta reversão de coisas, dêste deseichamento geral, expressas eloquentemente na parodia simiesca do bulevarde que o civico está representando nas ruas basbaques de Lisboa.

Esta nossa capital que, se as crónicas não mentem, foi um empório de luxo e uma odalisca dos mares, está cada vez mais triste, feia e desataviada. Uma marafona! Certo poeta francês, decadentista, assassinado misteriosamente na rua Servandoni, em Paris, evocava-a nestes termos: «Vem, minha muito querida, vem até esta

cidade, que parece amassada em tédio e bronze, roída pelo sol, sem uma árvore, com escaleiras imensas a ligar os bairros, encarrapitados nos montes». O esteta, é sabido, desceira dum desses barcos que deitam ancora no porto por umas escassas horas e levará de Lisboa esta impressão fulgurante e sinistra. Tal como outrora de Adem os portugueses, quando a fôram conquistar com meia dúzia de naus audaciosas.

Recordaram-me os versos do vate decadentista noutro dia, quando subia a Avenida das Côrtes, em face do derrote que os mateiros da Camara fizeram nos aiantos... para plantar outros aiantos. Certo que esta é uma árvore de indole florestal, esbracejando à sôlta, incapaz de ser corregida pela tesoura. Mas eram todos soberbos e corpulentos, e na visinhança da Representação Nacional não foi discreto deitá-los abaixo por indignos e desmanchados. Tanto mais que, ô fatalidade, outros da mesma progénie ali fôram plantados e sugarão o úbere da mesma terra.

Mas semelhante tarefa bisantina induz-me a crer que a Câmara tem ao serviço uma cáfila de bereberes que só se justifica desarrumando para fazer menção de arrumar. Torpeza do mesmo quilate se praticou no Rocio e se está praticando hora a hora na capital e na provincia, não servindo de escarmento a vaga de repulsa que se levantou contra os rifenhos de Viseu quando derribaram as árvores de Povoldo.

Compreende-se que os pobres ou malévolos brutinhos assim procedam; o que é inexplicável é a mudez dos higienistas que, se não admiram estas frioleiras exteriores da natureza, deviam conhecer-lhes a importância como elementos de salubridade. Admite-se lá que se deixe estender por léguas de montes e vales essa lepra heilonda do casario, sem nêe inscrever o parque, seu pulmão natural e necessario? Lisboa, neste particular, é uma cidade errada e deletéria. Os nossos vindouros terão que apeiar metade das casas para a tornarem decente e habitável.

Onde devia haver parques, limitam-se as vereações a construir jardins, pequenos como bilhetes postais, com ruasinhas e alegretes onde é preciso passar de esguelha para não molestar as plantas. Neles vão encavalando placas votivas, marmores hediondos, toda a fancaria pseudo-artística, como esse ameno e ultrajado jardim da Estrela, onde há de tudo, desde a loiça das Caldas a uma madama a esguelhar água pelos seios num arremedo grotesco do *manneken-pis*, de Bruxelas.

E, se não para um português, para um estrangeiro, conhecedor de história, seria legitimo preguntar: esta pobre e velha cidade não seria mais formosa, mais limpa, menos ridicula, em posse dos netos dos moiros a quem D. Afonso Henriques a conquistou?

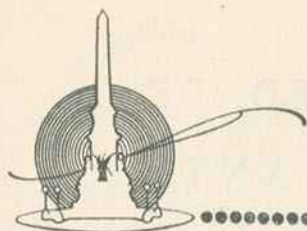
AQUILINO RIBEIRO.

A TRICROMIA DÊSTE NUMERO

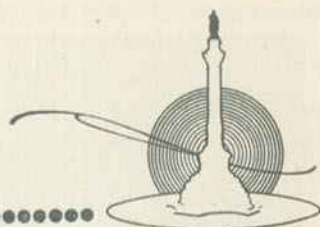
O pintor Ernesto Ferreira Condéixa, nascido em Lisboa em 1888 e ainda, felizmente, vivo e entregue ao amor dos seus pincéis, pertence ao núcleo dos nossos maiores artistas contemporâneos. Discipulo de Cabanel, afeiçoou-se, logo no principio da sua carreira, ao género histórico, em que tem produzido obras de elevada beleza, como o *D. João II ante o corpo inanimado de seu filho D. Afonso*, a que Jean Paul Laurens concedeu grandes elogios.

Mas também outros assuntos seduziram o seu superior talento, como o que inspirou o quadro reproduzido no nosso numero presente, de uma doçura de tons verdadeiramente encantadora.

A Ilustração não publica senão os originaes solicitados.



LISBOA



A sr.ª D. Eduarda Lapa, cuja exposição de pintura chamou recentemente ao Salão Floboas grande concorrência de visitantes e constituiu um apreciável acontecimento e arte



D. António Iratzo, ilustre Ministro de Cuba, que realizou a 5.ª conferência de S. Carlos, conferência que nos deu a visão nítida, flagrante de vida e de carácter, do grande José Martí, o poeta apóstolo da emancipação de Cuba. Fez a apresentação do conferencista, num breve e eloquente discurso o sr. dr. António Sérgio

Grupo obtido no concerto da ilustre cantora brasileira D.ª Antonieta de Sousa, realizado no Salão do Conservatório de Música. Entre as pessoas que figuram nele, estão a consagrada artista, o Chefe do Estado, o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros e o sr. almirante Gago Coutinho



Um aspecto da assistência à festa realizada na Faculdade de Farmácia, em homenagem aos novos alunos do ano lectivo 1925-1926



O avião «Sagres», tripulado pelos oficiais da Aviação Marítima, srs. Moreira de Campos e Neves Ferreira, na manhã da sua partida do Bcm-Successo para a Madeira, um momento antes de erguer o voo



O «Bailado das Horas», da ópera *Gioconda*, que serviu de fecho à encantadora recita de caridade realizada, no princípio da quinzena finda, no Teatro de S. Carlos, e cujo especial interesse consistiu em todos os seus números serem interpretados por crianças do nosso meio aristocrático.

SOCIEDADE
ELEGANTE



A sr.ª D. Josefina Hernández de Iraizoz, esposa do sr. ministro da República de Cuba em Portugal, uma das mais formosas figuras de mulher que ornaram actualmente o nosso meio diplomático.



Três gentis entusiastas dos desportos hípicas, à saída do campo de corridas do Jockey-Club, na tarde do domingo inaugural do certame denominado «Reunión da Primavera».



Os convivas do almoço oferecido, na Embaixada do Brasil, em honra do sr. Senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, agora eleito Governador de Minas Gerais, vendo-se no grupo, além do ilustre homem público brasileiro e de sua esposa e filhos, também, entre outras, as individualidades seguintes: sr. Deputado José Bonifácio de Andrade e Silva, com sua esposa e filha; a eminente escritora D. Albertina Bertha, representante do Brasil junto da Federação das Unões Intelectuais e suas filhas Clara e Francisca; sr. Eurico de Sousa Leão e sua esposa; e Dr. Aluizio Peinado.



SOCIEDADE ELEGANTE



Aspectos da brilhante recita de caridade, efectuada no Teatro S. João, a favor da Maternidade do Porto: o cêro das fadas



Grupo tirado numa encantadora festa realizada, no Colégio Moderno, pelos seus alunos.

O quadro «Ave-Marias», da mesma festa do Teatro S. João



Outro interessante quadro da referida recita: «O Serão na Aldeia»

DESPORTOS

COMITÉ INTERNACIONAL OLÍMPICO

REALIZA-SE AMANHÃ, NA CÂMARA MUNICIPAL, A SESSÃO INAUGURAL DA SUA REUNIÃO ANUAL.

ESTÁ marcada para amanhã, 2 de maio, às 15 horas, na Câmara Municipal, a sessão de abertura da reunião anual do Comité Internacional Olímpico, que este ano se realiza em Lisboa.

O Comité Internacional Olímpico, cuja criação se deve à inteligente e feliz iniciativa do

a comissão encarregada do estudo da educação desportiva, definiu desporto como «uma concorrência regulamentada, nos jogos e exercícios físicos, inspirada na lealdade, tanto para o adversário como para o camarada, pela abnegação do individualismo, e pela ideia do serviço a prestar pelo indivíduo ao grupo de que faz parte, Equipe-Pátria-Humanidade.»

A mesma comissão concluiu que se entende por «espírito desportivo» a combinação:

a) da verdade tanto exterior como interior, isto é, por um lado a exclusão da mentira, da vontade de enganar, e por outro lado o esforço para se fazer uma ideia justa das faculdades próprias, e do serviço que se é capaz de prestar ao agrupamento;

b) do hábito do jogo franco;

c) do espírito de cavalheirismo, que consiste em proibir que se aproveite um acidente que advenha ao adversário, ou a falta de observação do árbitro para assegurar a vitória.

Tais são os princípios basilares do olimpismo.

O organismo internacional que zela pelo cumprimento daquelas premissas, e tem a seu cargo promover, de 4 em 4 anos, os jogos de cada olimpíada—o Comité Internacional Olímpico—tem uma constituição muito particular, segundo o critério do seu fundador. O C. I. O. elegeu-se a si próprio, e do mesmo modo se renova, sem a interferência dos Estados ou de agremiações desportivas. Nesta singularidade reside a sua maior força. Não recebe subsídios. Os seus membros, individualidades do mais alto destaque nos seus países, suportam todos os encargos provenientes do funcionamento regular do Comité.

Por esta independência, pelo alheamento das políticas do desporto, pela clara e bem definida finalidade do seu trabalho, e sobretudo pelo forte ideal que representa o olimpismo, o C. I. O. é uma das mais poderosas organizações internacionais.

As reuniões anuais realiza-as o Comité Internacional em diferentes cidades.

A honra de o receber é solicitada sempre com empenho.

Por ocasião dos jogos da última olimpíada, a VIII, efectuados em Paris em 1924, o sr. conde

de Penha Garcia—representante de Portugal no Comité—pôs a candidatura do nosso país para a reunião de 1926.

Outras pretensões havia. No entanto no Con-



Conde de Penha Garcia, membro do Comité Internacional Olímpico, Presidente da Federação Portuguesa de Esgrima e Vice-Presidente da Federação Internacional de Esgrima



O Barão Pedro de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos e o Conselheiro Jiri Guth-Jarkovsky, Presidente do comité Olímpico Tchecoslovaco

barão Pierre de Coubertin, reúne hoje 53 Estados, aliados para o engrandecimento do moderno olimpismo.

A ideia do barão Pierre de Coubertin foi concebida com um objectivo elevado, e está alicerçada em consistentes princípios de interesse social; por isso ela se tem desenvolvido e prosperado.

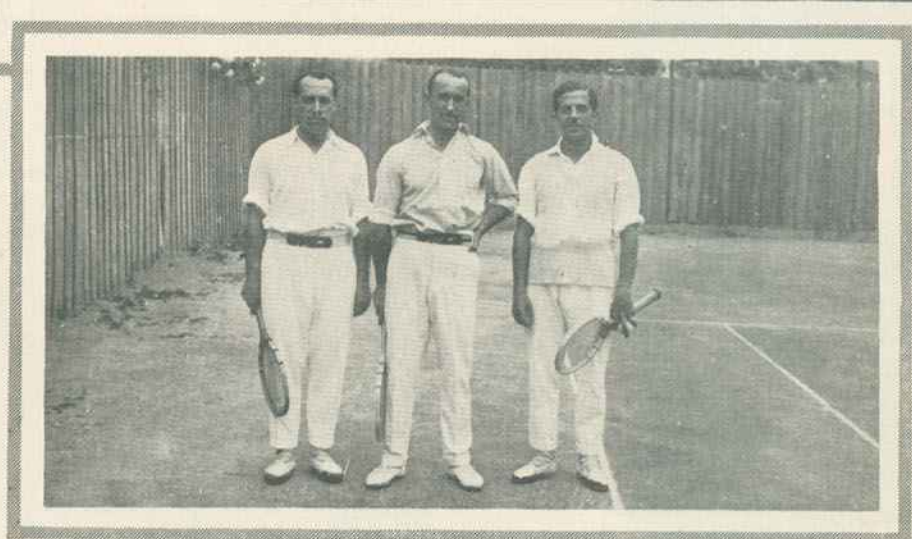
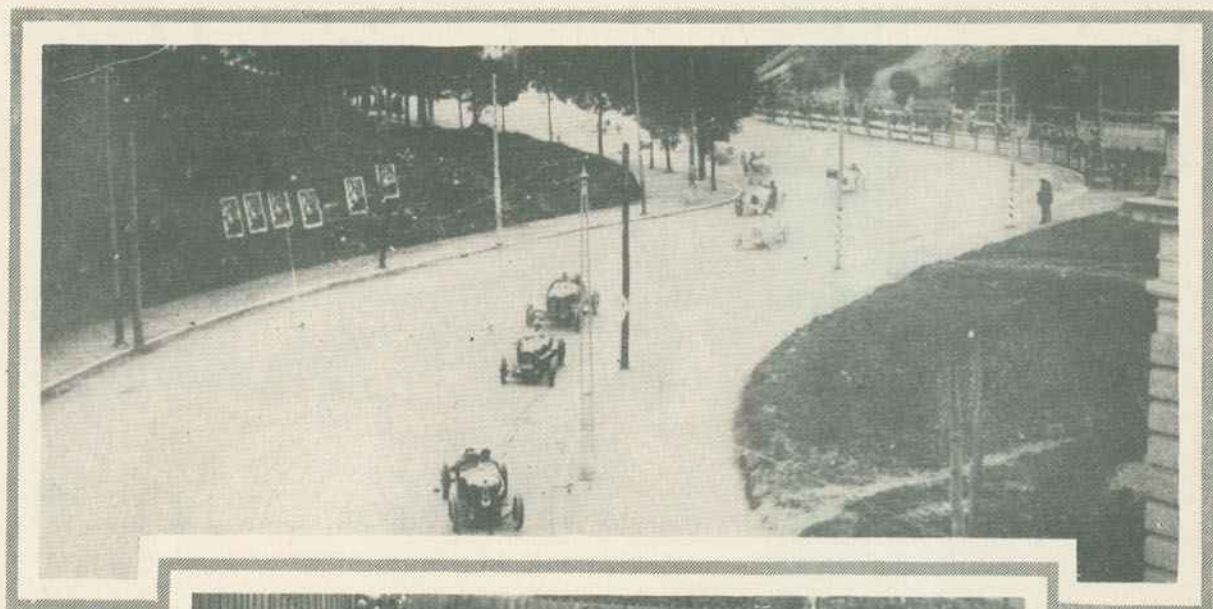
O olimpismo é, com efeito, uma doutrina que defende, não só o aperfeiçoamento físico, mas, particularmente, a formação moral do indivíduo, incutindo-lhe o espírito desportivo.

No último Congresso Internacional Olímpico,

gresso Internacional de Praga, reunido o ano passado, Portugal foi votado, unanimemente, por proposta dum dos representantes dos Estados Unidos da América do Norte, o que constitui seguramente, uma honra e um justo motivo de orgulho para o nosso representante, um dos mais considerados membros do C. I. O.

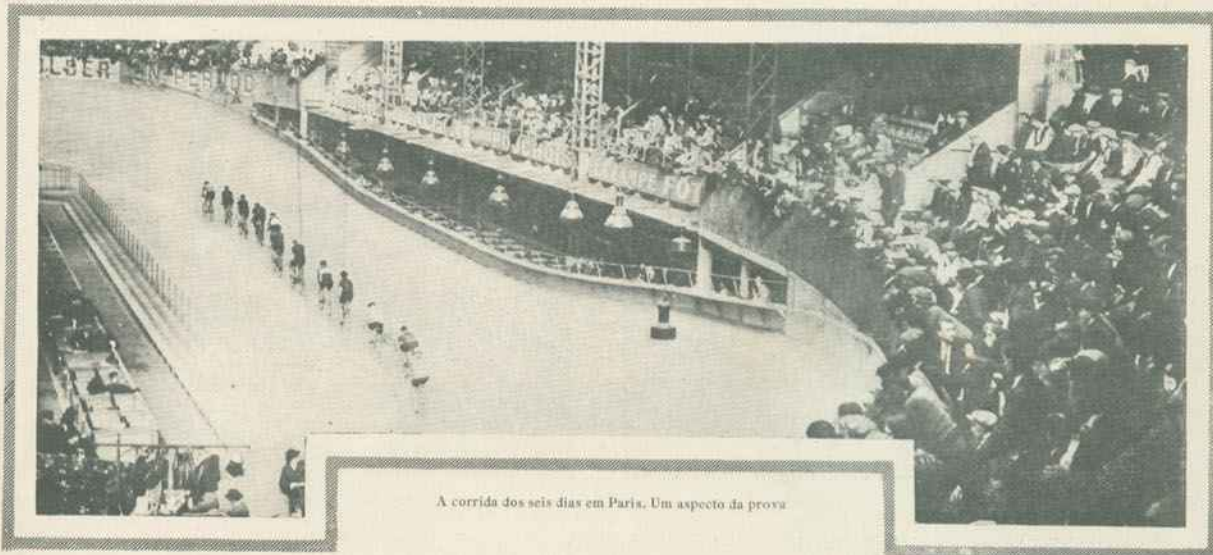
O Comité Olímpico Português, de acôrdo com o sr. conde de Penha Garcia, e com a colaboração das Federações desportivas, organizou um programa de recepção que compreende, além de interessantes passeios e visitas, manifestações desportivas, banquetes do Chefe de Estado, da Câmara Municipal, do Grupo Parlamentar de Estudos de Educação Física e Desportos.

Esperamos que os membros do Comité Internacional Olímpico, que se demorarão em Lisboa de 2 a 9, levem do nosso país uma agradável impressão e a convicção de que Portugal não descarta os problemas da Educação Física e do Desporto, problemas que em todo o mundo merecem atenção e estudo.



(Cliché ENIT)

O circuito Automobilístico Mundial em Roma. Uma fase da corrida. — A Equipe Portuguesa de Tennis que toma parte na Davies Cup. Frederico Vasconcelos, José de Verda (capitão) e António Casanovas



A corrida dos seis dias em Paris. Um aspecto da prova

ESTRANGEIRO



PARIS.—O Ministro de Portugal em França, sr. dr. António da Fonseca, depondo uma coroa no túmulo do Soldado Desconhecido, no dia 9 de Abril findo, data comemorativa da Batalha de La Lys.



ANGRETEUIL (França)—A experiência de descida do novo Helicon, invenção do engenheiro Perrin. A gravura representa o aparelho a três quartos, visto pela rectaguarda. Um único motor acciona as duas hélices, ficando o lugar do piloto sob a da frente.



PARIS.—Mr. J. H. Rosny Aîné, agora eleito por «les Dix» para suceder a Gustave Geffroy na presidência da Academia Goncourt. A obra deste escritor é vasta e multiforme, principalmente como romancista.



PARIS.—No Congresso da aliança internacional dos Hoteleiros: aspecto do banquete efectuado na cave do Waltes. Perguntará o público: qual a finalidade desta assembleia? cumprir de futuro com mais fervor os preceitos de Brillat-Savarin favorecendo o paladar dos hóspedes,—ou apenas salgar-lhes mais as costas?



Oujda (Marrocos)—A paz da França e da Espanha com Abi-el-Krim: Vista geral da cidade onde se estão realizando as conferências dos delegados.—O edificio do Liceu.



CONDEIXA—A volta da fonte

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

PEQUENA HISTÓRIA DUM RECEMNASCIDO

Não viveu mais que vinte dias, o pequenito, e, no entanto, posso escrever a sua história. Uma história pequenina, uma história também de vinte dias, sem fadas, sem princezas, sem lobisomens. A história curta da respiração aflicta dum passarinho.

O pequenito nasceu débil, magrito, e todo o seu corpinho recém-nascido parecia reduzido a um queixume inocente, a uma suplica humilde feita muito baixinho, para que só o leite da mãe a ouvisse...

A mãe, uma Luisa asougada que um velho egoísta, mas voluptuoso, arrancara à vida airada dos clubs, dando-lhe, por descuido, aquele filho condenado, mal a criança nasceu, pensou imediatamente em desembaraçar-se d'ela.

— É uma prisão — e não tenho leite, bem vê. Vai para uma ama, sim?

O velho protestava — não apenas por amor do filho, mas sobretudo porque elle representava, de qualquer fórma, uma victória da sua velhice — da sua velhice fecunda...

No fundo, o pobre velho era um sentimental. Celibatário por não ter encontrado nunca a dona ideal dos seus sonhos, e receando, além disso, que as mulheres gostassem dele pelo seu rico dinheiro e não pelos seus lindos olhos — olhos, na verdade, bonitos — foi-se deixando arrastar, solitário, por hotéis e pensões, gastando os dias pelos centros de cavaco e as noites na batota.

Aparentado com famílias fidalgas, Manuel de Noronha e Castro não sendo positivamente um *rafiné*, era uma criatura de bom gosto, de linha, espirotooso e culto.

Egoísta, muito cauteloso consigo proprio, Manuel de Noronha tinha um lado simpatico: era um coração generoso para as mulheres. Ele mesmo se confessava um grande amigo das mulheres — sobretudo daquelas que se lhe entregavam. As profissionais do amor mereciam-lhe um culto especial. Desse culto, que muitas desprezaram, soube aproveitar-se esta asougada Luisa com quem maritalmente vive, num *faux ménage* para a Estrela, já vai fazer um ano.

— Vai para uma ama, sim? — repetia Luisa, muito terna, muito languida, muito coquete.

— Mas porque não se traz a ama para casa? — dizia o velho, agarrando-se a todos os recursos.

— Estás doídnho! Sabes lá o que é sustentar uma ama? Eu nunca sustentei nenhuma — mas sei que são umas fidalgas de truz! É preciso apaparica-las a todas as horas e a todos os minutos. Estou lá para isso! Não há duvida que me davas um agradável entretenimento!

Três tagatés na cara do amante, um beijo demorado, mais outro, mais outro ainda — e o velho conformou-se.

— Ora até que enfim que és rasoavel! De resto, era a tua obrigação...

E muito canalha, procurando o *Diário de Notícias*, a grande página humana dos annuncios, Luisa pôs-se a trautear baixinho a música dum tango — acordando a criança que dormia...

A primeira ama que appareceu foi despedida pelo velho, contra a vontade da amante, cujo desejo era despachar a criança o mais depressa possível. As razões do velho, porém, tinham força:

— Tu não viste? Tinha mesmo o aspecto de doente...

— Ora, doentes somos nós todos! — ripostou Luisa. Mais doença, menos doença...

Pela primeira vêz, Manuel de Noronha teve um gesto de violencia e de desprezo pelo cinismo torpe da amante. Assaltou-o uma onda subita de orgulho e de piedade para si proprio, que se deixára atolar miseravelmente, cobardemente, naquele lôdo sem fundo. As palavras, porém, atrapalhavam-se-lhe na bôca, e sentindo o perigo do ridiculo desandou, porta fóra, resolvido a quebrar, definitivamente, o laço emporcalhado daquela vida em comum.

Mas este estado de nervos passou — e a amante apparecia-lhe agora como a razão de ser da sua vida, parecendo-lhe impossivel desligar-se d'ela. Um desejo subito de posse, onde havia também um certo desejo de vingança, fê-lo retroceder, voltar a casa. Precisava de amachucar aquele côrpo só côrpo — savorial-o, mais uma vêz, e, por fim, despresal-o, brutalmente...

Quando estacou diante da alcova e viu a amante deitada, ainda convalescente daquelle parto *infeliz*, refreou o seu instinto — e só disse:

— Está um dia lindissimo. Talvez te não fizesse mal levantares-te...

A criança no berço choringava, pedindo uns seios fortes e sadios. Luisa tinha, na verdade, pouco leite — e a criança estava sendo alimentada a biberon. Mas como isso era uma massada, acontecia que a pobre criança passava horas e horas a chorar, muito fraquinha do peito, as mãositas tontas, muito brancas, desejando prender o que não vinha mais...

Ao outro dia, appareceu outra ama, e o caso ficou resolvido sêcamente, friamente, com a rigida precisão dum contracto comercial:

— Quanto quere V. por mêz?

— Noventa mil réis e sabão.

— É bastante caro.

— É o que costume levar, minha senhora.

Tenho dois filhos — e um homem que só serve para me devorar o que ganho. Mas olhe que ninguém é capaz de lhe tratar melhor o seu filho. Eu sou incapaz de lhe negar o peito, como fazem muitas. É mamar até fartar. E elle está tão magrinho... Quantos dias tem?

— Doze dias.

A ama debruçou-se sobre o desalinho enxovalhado do berço, pegou na criança com solicitude, desapertou a blusa, o corpete, tirou para fora os peitos morenos, pejedados de leite, e deixou que a criança mamasse, mamasse, sôfregamente, consoladamente. Sentia-se o leite correr, e nele a palpitação inquieta duma vida desejosa de roubar à morte, que rondava perto, aquele esqueleto débil de passarinho. A criança renascia a cada golada forte de leite. E era tão forte a caudal daqueles peitos robustos, que a criança, por vezes, engasgava-se, tossia — e todo o seu corpinho franzino parecia doer-se com a tosse.

— Não pode, então, ser por menos?

— Não, minha senhora, Noventa mil réis e sabão. E olhe que não peço muito.

— Bem, combinado. Leva já a criança, não é verdade?

— Como a senhora entender.

— É melhor. Mando-lhe, depois, as roupas pela criada.

— Coitadinho, ficou-se a dormir! É um peccado acordá-lo. Tem um vestidinho lavado e umas fraldas?

— Leve-o assim mesmo. Eu mando-lhe amanhã as roupas. Embrulhe-o no chale.

— Bem; cá levo o seu filhinho. Que seja em boa hora. Daqui por oito dias tem aqui um valentão. Leite, graças a Deus, não me tem faltado. — E já com a criança embrulhada no chale, como uma trouxa de roupa:

— O que peço à senhora é o favor de me dar algum dinheiro por conta. A gente, para ter bom leite, precisa de andar bem tratada por dentro. As criancinhas ressentem-se muito com o que comem as amas.

— Pago-lhe até já o mês por inteiro — respondeu Luisa, com enfado, puchando duma carteira. — Vinte, quarenta, sessenta, noventa...

— Muito agradecida, minha senhora.

— Tome lá mais dez mil réis para sabão.

— Muito agradecida, minha senhora. E agora com sua licença. Não quere dar um beijo ao seu menino? Elle vai a dormir, coitadinho.

— Deixe lá. É melhor não o acordar. — E logo que a ama saiu, para a criada:

— Tire dali aquelle berço, e prepare a roupa do menino. Ha-de leva-la a casa da ama.

— A senhora ainda não quere almoçar?

— Sim, pode trazer-me o almoço. — E ficou cantarolando a música do tango preferido.

O destino da criança está traçado. De casa dos pais para uma cave miserável, e desta, em menos de oito dias, para os anjinhos.

Felizes as crianças que vão para os anjinhos! Livram-se de crescer, de ser homens, de ser mulheres, de ser humanidade — que é o peor que ha no mundo — onde apenas se salvam as feras, as arvores, as pedras — e as crianças que morrem.

ALVES MARTINS.



Feminina



AS TENDÊNCIAS DA MODA PRIMAVERIL

Três graciosos modelos de toilettes vistos em Longchamps. 1, Toilette de taftas vermelho escuro. 2, Vestido de crepe da China de fantasia sobre fundo rosa atilado e crepe da China liso azul escuro. 3, Vestido de mousseline de seda em xadrezinho verde e gris

em que actualmente se limitam os vestidos. Assim, vão habituando o olhar ao efeito do alongamento, que por não ser ainda definitivo, não alarma nem provoca protestos.

Nas colecções de algumas grandes modistas, como Pre-



met, Patou, etc., aparecem já algumas toilettes, principalmente as que são destinadas a reuniões de noite, cuja orla toca o tornozelo.

A outra característica da moda actual é, como dissemos, o efeito *blusé* dos corpos, obtido pela roda presa sob um cinto echarpe e pelos falsos *boleros*.

De facto, os mais recentes modelos marcam nitidamente a linha graciosa, leve e bem feminina dos corpos lisos na parte superior, abertos em decotes em ponta ou rectangulares, sempre discretos, e franzidos na altura das ancas onde os aperta um cinto fechado com fivela, ou em forma de echarpe, atando em laçada à frente ou ao lado. Esta ideia, conjugada com a dos plissados nas saias, obriga a preferir para a composição das toilettes estivais, tecidos finos e leves, de cair fácil, que permitam a acumulação da roda sem prejuizo da linha estética da silhueta.

A moda primaveril, como arauto da que vigorará na quadra estival, apresenta uma decidida tendência para o alongamento das saias e para o efeito *blusé* dos corpos.

É claro que a primeira transformação indicada, não se operará sem certa rebeldia por parte das adeptas da saia curta. A moda, entretanto, tem incontestável poder para impor as suas determinações, e assim, por muito que isso contrarie as adversárias da saia comprida, na próxima estação veremos sensivelmente descidas as orlas dos vestidos. De momento, algumas das principais casas de Paris, vão pondo em prática a ideia valendo-se dum subtil recurso que consiste em cortar irregularmente a orla das saias, dando-lhes o efeito de pontas, dentes, recortes, etc., cujas extremidades marcam um sensível alongamento, enquanto que as partes reintrantes, ou mais curtas, ficam aproximadamente na altura



CHAPÉUS, FITAS E FLORES

A irrequietabilidade da moda não nos impõe apenas modificações de linha; os acessórios da toilette merecem-lhe também constantes reparos. Os chapéus, por exemplo, são as primeiras vítimas da sua eterna insatisfação. De dia para dia, vemo-los alterados quer no que respeita a forma, quer no tocante aos enfeites e demais elementos de composição. Agora, as formas aparecem-nos moles, tão moles que depende do gosto da mulher dar-lhes na cabeça o jeito que melhor



convenha à sua fisionomia, ao seu género de beleza. E assim, leves e aparentemente desprezíveis, são de seda faille, gros grain, feltro fino, palha do oriente e até mesmo... de *crochet*. De *crochet*, sim, mas não se pense de qualquer trabalho complicado que pela própria complicação cai no pélagio da banalidade. As formas são feitas a *crochet*, ponto simples, e com seda vegetal brilhante, nas cores vivas e

a captar as simpatias. Uma vez feitas as formas, são devidamente gomadas e enformadas pelo chapeleiro, e debruadas e guarnecidas em volta da copa com fita de seda da mesma cor.

E já que falamos nas fitas, não deixaremos de reconhecer que elas são actualmente empregadas com profusão nas guarnições dos vestidos e dos chapéus, onde uma limitada fantasia lhes dá as mais caprichosas e inesperadas disposições.

As flores artificiais são também preciosos recursos de elegância a que a moda vigente recorre com justificada simpatia. Na verdade, uma flor presa na aba dum chapéu, no remate duma gola, na lapela duma jaqueta *tailleur* ou no fecho dum cinto, lere no conjunto uma encantadora nota de frescura e requinte estético.

E por isso que hoje as vemos largamente empregadas na toilette feminina, quer se trate de vestidos de cerimónia ou de simples vestidos de passeio. Como género de flores preferidas, nesta primavera vemos os cravos grandes e as gardênia. Usam-se quasi desprovidas de folhas e — quando se trate de toilettes



de cerimónia e as flores sejam pequenas — reunidas em farto bouquet.

Não terminaremos, porém, sem chamar a atenção das elegantes para o pequeno bouquet multicôr de pequeninas flores de lã armadas sobre fios de grossa lã verde, que simulam os pés. É uma combinação elegante e graciosa, que bem merece da simpatia das parisienses.

E depois, quanta graça, quanta *coquetterie* marca no conjunto da toilette um pequeno bouquet, colocado com arte junto do rosto, como que desejoso de lhe comunicar um pouco do seu colorido vivo, havendo em troca, o frescor, a mocidade, o perfume, da epiderme que afaga!





Grock, o celeberrimo «clown» que é o detentor incontestado do riso nos palcos dos «music-hall» de Paris, vai interpretar para o cinema e sob a direcção de Jean Kemm, um argumento de Gaston de la Fouchardière. «Grock guardião do serralho».

• • •

A «pochade» cinegráfica «O bicho da Serra de Sintra» de João de Sousa Fonseca foi apresentada com um invulgar êxito aos técnicos e artistas convidados. Fizeram sensação enorme os seus perfectos truques e a originalidade do argumento. Algumas exhibições feitas pela Sociedade de Turismo de Sintra no seu maravilhoso casino, foram



coroadas dum êxito nunca alcançado até agora naquele elegante meio. Artur Macedo, o operador, tem sido também muito apreciado.

• • •

«Jim la Houlette roi des voleurs» há dias representada entre nós, está sendo filmada com o concurso de Gaby Morlay, Camille Bardou e o genial cómico russo Nicolas Rimski que interpreta o papel criado entre nós pelo actor-autor Francisco Lage.

• • •

Fox Film acaba de bater um record de apresentações em Paris, pois que numa semana deu a conhecer dez grandes filmes



Uma curiosa criação do desenhador escandinavo Dan Nissen.—Uma scena de «Les Rois en exil» de Alfonso Daudet, adaptação de Rex Ingram o genial encenador que com este trabalho se despede da cinegrafia, bem como sua mulher a linda Alice Terry que interpreta a protagonista



Maria Davies, uma das loiras mais fotogénicas do écran, posando como modelo do pintor espanhol Beltran Massés, artista da corte de D. Afonso XIII e que está actualmente em Hollywood



Ramon Navarro, o gala da moda no cinema numa scena de «The Midshipman» para a Metro



Norma Shearer, estrela ainda desconhecida em Portugal e que vai lutar aos seus muitos sucessos a protagonista de «The Devil's Circus»

bido na Alemanha depois de um ano de exploração triunfal. Foi requerida esta proibição pelo governo de Baden, com o fundamento de que pintava com cores demastadamente carregadas, as trágicas horas de depois da guerra nos países vencidos.

Alex Nalpas vai produzir uma série de filmes que representam e animam em seguida os quadros célebres dos grandes mestres.



O mais pequeno cão do mundo, vive habitualmente na mala de mão de Claire Windsor e pesa menos de quinhentos gramas!!!

e cinco cómicos de valor. As grandes produções são interpretadas por Jacqueline Logan, Frank Keenan, Tom Mix, Diana Miller, Helena d'Algy, Edward Hearn, Paulina Starke, Leslie Feuton, George O' Brien e Matt Moore.

O filme alemão «A rua triste» que produziu um grande sucesso em Paris, acaba de ser pró-

dinamarquês «Maitre du logis», Charles T. Dreyer, que alcançou recentemente um grande triunfo em Paris, visitou agora a França onde foi acolhido com as provas de deferência devidas ao seu altissimo talento. Dreyer já firmou um contracto para dirigir três grandes produções da Société des Romas Historiques, cujo presidente é Charles Pathé.

O actual grande successo de Lisboa em cinematografia é a obra de Pirandello «Feu Mathias Pascal» encenada por Marcel L'Herbier e com interpretação de Ivan Mosjoukine e o sócio da Comédie Française, Jean Hervé, conhecido do público de Lisboa pelas suas récitas entre nós.



A FÔRÇA DAS ONDAS

DESDE os tempos mitológicos em que Vulcano trabalhava o ferro, é o fogo que permite o progresso humano. A descoberta do modo de acender lume deve ter seguido de pouco o salto que o homem deu para fora da simples animalidade. Esse lume, domesticado, serviu-lhe de escudo contra os grandes frios, permitiu-lhe tornar a alimentação mais agradável e digestiva e, pouco a pouco, fabricar uma infinidade de objectos e instrumentos que lhe modificaram inteiramente o processo de viver. As maravilhas da civilização actual são ainda, na sua maior parte, filhas do fogo, pois que a própria força eléctrica se obtém, em regra, queimando carvão. Bem faziam os antigos em juntar aos três elementos indispensáveis da vida — a terra, o ar e a água — um quarto elemento — o fogo. Há vida sem fogo, mas não vida de homem civilizado.

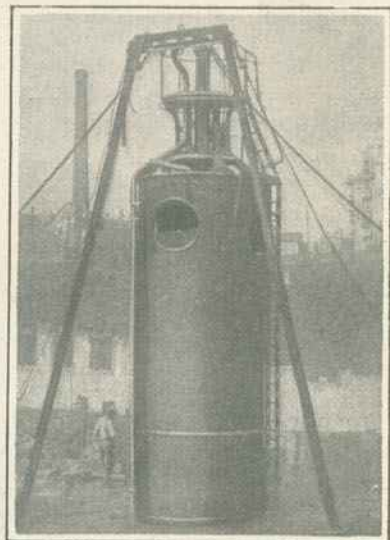
As substâncias combustíveis qua a terra vai quotidianamente produzindo são insuficientes para satisfazer as nossas crescentes necessidades. Encontraram-se, porém, reservas no interior do planeta — o carvão mineral, os petróleos — que estamos queimando como se fossem inesgotáveis. Se dentro de duzentos anos a hu-

mem pre-histórico domesticou o fogo. Já se aproveitam as quedas de água e, em pequeno grau, os ventos. Há ainda, como forças a captar, a da radiação solar, a da desintegração da matéria, a das marés, a das ondas. São imensas energias bem mais evidentes à simples análise do que a contida no carvão que queimamos.

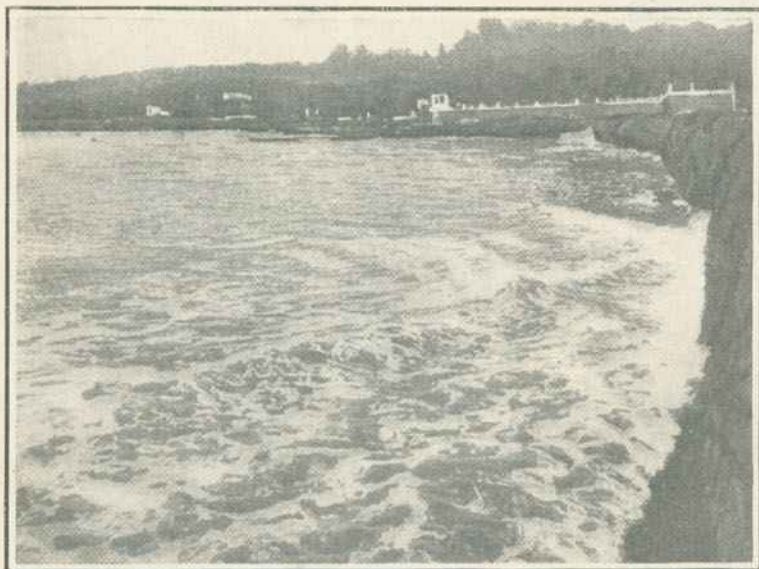
A força das ondas deriva, afinal, da força do vento. Este, pelo seu atrito, determina movimentos das moléculas líquidas superficiais, e quando ele cessa o movimento oscilatório persiste. Por isso arfa o mar sem descanso, como os seios de Anfítrite. Quando o vento se levanta sobre o mar calmo, criam-se ondas primeiramente de perfil simétrico, depois aumentando pela inclinação e, por fim, quando o vento cresce, enroladas na sua parte mais alta que desaba aprisionando ar e resolvendo-se em espuma.

Isto é no mar largo. Se as ondas batem contra a costa, ou contra um obstáculo como é o navio, formam-se outros sistemas de ondas, por reflexão, cuja força ora se soma ora atenua a força das ondas principais. Há então o que se chama interferência, com pontos nodais, em que os fenómenos vibratórios se anulam, e pontos ventrais onde elles se associam. As ondas elevam-se então a muito maior altura. Esta, que

dora sobre a costa e sobre os diques que o homem lhes opõe, energia representada pela força viva, isto é, pelo produto da massa pelo qua-



Motor de flutuadores



Interferência das ondas junto da costa

manidade não conseguisse tornar aproveitáveis outras fontes de energia, teria de resignar-se a retroceder, deixando inactivos, como vestígios de uma brilhante civilização morta, a maior parte dos maravilhosos aparelhos de que hoje tanto se orgulha.

Os engenheiros do nosso tempo tem de domesticar outras fontes de energia, como o ho-

parece não exceder 10 metros nos nossos mares e 16 metros nos mares do sul, pode nestes casos atingir mais do dobro. A lanterna do farol de Eddystone, a 52 metros acima do nível das águas tranquilas, é por vezes envolvida pelo mar quando este é acotado por grandes tempestades do sudoeste.

Estas ondas mostram a sua energia destrui-

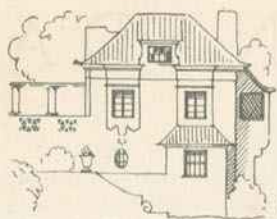
drado da velocidade. Assim, uma onda de 10 metros de altura pode produzir um choque equivalente ao de uma massa de milhões de toneladas, repetido de 10 em 10 segundos. Por isso se tem visto blocos de granito, de mais de 10 toneladas, arremessados a distância de alguns metros pela força do mar embravecido.

Para utilizar a energia das ondas inventaram-se vários aparelhos que podem agrupar-se em três classes.

Os do primeiro tipo são grandes funis onde se introduzem as ondas, comprimindo, pela sua força, uma massa de ar que se acumula em reservatórios especiais. Os do segundo tipo compõem-se de palhetas móveis que recebem o choque das ondas e o transmitem a um aparelho que transforma o movimento recebido numa rotação. Os do terceiro tipo são formados por flutuadores que se levantam à passagem da onda e caem em seguida, sendo esse movimento também transformado mecânicamente em movimento de rotação. Todos estes aparelhos servem para tempo regular, mas a todos as tempestades destroem.

Ultimamente tentou-se uma disposição especial para o sistema de flutuadores. Consiste em collocá-los numa doca comunicante com o mar por uma abertura. Por este modo se procura diminuir a violência das ondas contra o aparelho, em ocasiões de tempestade.

F. MIRA.



A CASA PORTUGUESA



QUINTA DE S. TIAGO

ENCANTADORA HABITAÇÃO QUINHENTISTA NAS FALDAS DA SERRA DE SINTRA. O LONGO ALPENDRE DÁ SOBRE O JARDIM DE ENTRADA, CUJAS ÁRVORES E FLORES SE REFLECTEM IMPERTURBÁVELMENTE NUM GRANDE ESPELHO DE ÁGUA. OS ASPECTOS EXTERIORES RESSENTEM-SE AINDA DE CERTAS REPARAÇÕES INDISPENSÁVEIS PARA A CONSERVAÇÃO DA CASA, MAS O CLIMA DE SINTRA EM BREVE RESTITUIRÁ TODA A ANTIGA GRAÇA A ESTA MORADIA ROMÂNTICA QUE É HOJE PROPRIEDADE DE MR. W. ALBERT LOWETH

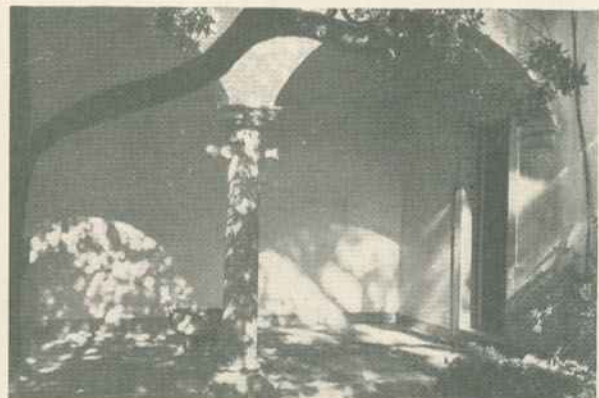


O INGRESSO PARA A ANTIGA CAPELA DA CASA FAZ-SE, NA EXTREMIDADE DO ALPENDRE, PELA PORTINHA EM CUJA VÉRGA SE LÊ:



«HESTA CAZA HE DO ORAGVO DE SAN TIAGVO»

SOB A VELHA ABÓBADA, AS PAREDES CAIDADAS DUM FRIO VERDE, OS MÓVEIS DE PAU-SANTO E AS CORTINAS DE MUSSELINA DÃO A ESTA SALA DE JANTAR UM AR AO MESMO TEMPO SEVERO E REPOUSANTE



DOMINANDO OS LIMOAIS PERFUMADOS HÁ UM TERREIRO ARBORIZADO QUE O SOL DA TARDE MOSQUEIA DE OURO



«SAN TIAGO» PERDIDA ENTRE OS POMARES

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

(Continuação do n.º 8)

Havia, porém, algumas roseiras, e certo número de macieiras, provavelmente descendentes das que tinham sido plantadas pelo reverendo senhor Blackstone, o primeiro colono da península, esse meio mítico personagem que, sentado num touro, cavalga através de nossos mais antigos anais.

Ao ver as roseiras, Pearl começou a chorar e a pedir uma rosa encarnada, e não havia maneira de a sossegar.

— Cala, filha, cala! — disse a mãe com veemência. — Não chores, minha querida! Ouço vozes no jardim. É o Governador que aí vem, e outros senhores com elle.

De facto, olhando pela alea do jardim, viam-se avançar algumas pessoas em direcção à casa. Pearl, desprezando inteiramente os esforços que a mãe fazia para a sossegar, deu um grito esquisito, e depois calou-se, não por qualquer noção de obediência, mas porque a curiosidade pronta e móbil da sua índole fôra excitada pelo aparecimento dêstes novos personagens.

VIII

A CRIANÇA E O PADRE

VINHA à frente o Governador Bellingham, que trazia uma veste larga e barrete — como os que os senhores de idade gostavam então de usar por casa — e parecia andar mostrando a propriedade e expondo os melhoramentos que lhe pretendia introduzir. Devido à larga circunferência de uma gola complicada, por baixo da barba branca, à moda, já antiquada, do reinado de Diogo Primeiro, a sua cabeça parecia-se muito com a de João Baptista numa salva. A impressão que deixava o seu aspecto, tão rígido e severo, e crestado pela neve de uma idade mais que de outono, não estava muito de acôrdo com os objectos de gôzo terreno de que evidentemente tinha feito o maior empenho por se rodear. Mas é erro supor que nossos graves maiores — embora acostumados a falar e a pensar da existência humana como de um estado de provação e de luta, e ainda que sinceramente prontos a sacrificar bens e vida ao mandado do dever — se julgassem obrigados a rejeitar os meios de conforto, ou até de luxo, que estivessem ao seu alcance. Esse credo nunca fôra ensinado, por exemplo, pelo venerando pastor John

Wilson, cuja barba, branca como neve, se via por cima do ombro do Governador Bellingham, enquanto o dono dela estava lembrando que as peras e os pêssegos talvez ainda se pudessem aclimatar na Nova Inglaterra, e que o roxo das uvas talvez um dia viesse a destacar-se sobre o muro, iluminado pelo sol, daquele jardim. O velho padre, criado ao seio rico da Igreja de Inglaterra, tinha um amor já antigo e legítimo às cousas boas e confortáveis e, por severo que se mostrasse no púlpito, e na reprovação pública de transgressões como a de Hester Prynne, a afável benevolência da sua vida privada tinha-lhe criado maior estima do que lograra qualquer dos outros padres.

Atrás do Governador e do sr. Wilson vinham mais duas visitas — o Reverendo Arthur Dimmesdale, que, como o leitor há de estar lembrado, representara, contra vontade, um curto papel na scena da exhibição de Hester Prynne, e, acompanhando-o como pessoa de sua intimidade, o velho Roger Chillingworth, homem de grande pericia como fisico, o qual havia dois ou três anos se estabelecera na cidade. Constava que este sábio era o médico, e era também amigo, do moço padre, cuja saúde ultimamente se tinha alterado muito por excessiva dedicação aos trabalhos e deveres da sua profissão espiritual.

O Governador, que vinha um pouco adiante das visitas, subiu um ou dois degraus e, abrindo os batentes da grande janela do vestibulo, encontrou-se de súbito ao pé da pequenina Pearl. A sombra do reposteiro caía sobre Hester Prynne, ocultando-a em parte.

— Que é isto que aqui temos? — disse o Governador Bellingham, olhando com surpresa para a figurinha encarnada que se lhe deparara. — Confesso que nunca vi cousa igual desde os meus dias de vaidade, no tempo do rei Diogo, quando eu por grande mercê tinha ser admitido a ver um auto da côrte! Costumava apparecer nas festas um enxame destas figurinhas, e chamavamos-lhe a côrte do Rei do Desgoverno. Mas como é que me aparece aqui no vestibulo esta visita?

— É verdade! — exclamou o bom do velho sr. Wilson. — Que avezita encarnada será esta? Parece-me que já vi destas figuras uma vez que o sol, atravessando um vitral ricamente colorido, estendia pelo chão as imagens vermelhas e douradas. Mas isso foi na velha pátria. Dize, pe-

quenina: quem és tu, e que má idea levou tua mãe a vesti-te dessa maneira? És cristã — há? Sabes o catecismo? Ou és um daqueles elfos ou fadas más que julgávamos ter deixado para sempre, com outras reliquias do papismo, na boa velha Inglaterra?

— Sou a menina da minha mãe — respondeu a visão encarnada — e chamo-me Pearl!

— Pérola? — Antes Rubi — ou Coral! — ou Rosa Vermelha, pelo menos, a olhar para a sua côr! — replicou o velho padre, estendendo a mão numa vã tentativa para afagar a cara de Pearl — Mas onde está essa tua mãe? Ah! já vejo — acrescentou; e, voltando-se para o Governador Bellingham, disse-lhe ao ouvido: — É aquela mesma criança de quem estivemos ainda agora falando; e eis aqui a própria mãe, essa desventurada mulher, Hester Prynne.

— Ah! é assim? — exclamou o Governador. — Bem pudéramos nós ter adivinhado que a mãe de uma tal criança havia de ser por força uma mulher vermelha, e condigna figura da de Babilônia! Mas vem em boa ocasião, e vamos tratar êste caso sem demora.

O Governador Bellingham passou ao vestibulo, seguido pelas três visitas.

— Hester Prynne — disse elle, fitando na portadora da letra encarnada o seu olhar naturalmente severo — tempo há que muito se tem falado em ti. Tem-se discutido e pesado bem se nós, que somos de autoridade e influencia, estamos bem com as nossas consciências deixando uma alma imortal, como a que há naquela criança, nas mãos de quem tropeçou e caiu nas armadilhas dêste mundo. Dize tu, que és a mãe! Não achas que melhor fôra para o bem temporal e eterno da tua pequenina que ela deixasse de estar a teu cuidado, que a vestissem modestamente, a submetessem a uma disciplina severa e a instruissem nas verdades do Céu e da Terra? Que podes tu fazer por ela nesta matéria?

— Posso ensinar à minha filha o que tenho aprendido com isto! — respondeu Hester Prynne, pondo o dedo sobre o símbolo vermelho.

— Mulher, é o sinal da tua vergonha! — respondeu o severo magistrado. — É por causa da mácula que essa letra denota que nós quiséramos confiar tua filha a outras mãos que não as tuas.

Sem embargo — disse a mãe com serenidade, se bem que tornando-se mais pálida — êste sinal

tem-me ensinado — todos os dias me ensina — neste mesmo instante me está ensinando — lições pelas quais minha filha poderá ser melhor e mais assisada, ainda que a mim nada aproveitem.

— Decidiremos com cautela — disse Bellingham; — veremos bem o que vamos fazer. Peço-vos, bom Mestre Wilson, que examineis esta Pearl — já que assim se chama — e veja se possui a doutrina cristã que deve ter uma criança de sua idade.

Sentou-se o velho padre numa cadeira de braços e tentou puxar Pearl para entre os joelhos; mas a criança, que não estava costumada a festas ou toques familiares senão da mãe, fugiu pela janela aberta e pôs-se de pé no primeiro degrau. Parecia uma ave bravia dos trópicos, de rica plumagem, prestes a voar para as alturas. O sr. Wilson, não pouco admirado deste acolhimento — pois era pessoa de tipo de avô, e em geral muito querido das crianças — tentou, não obstante, proceder ao exame.

— Pearl — disse elle com grande solenidade — deves dar atenção ao que te ensinam, para que, no devido tempo, possas ter no seio a pérola de grande preço. Sabes-me dizer, filhinha, quem foi que te criou?

Ora Pearl sabia perfeitamente quem a tinha criado, porque Hester Prynne, que era de família religiosa, pouco depois da conversa que tivera com a filha sobre o Pai que estava nos Céus, tinha começado a instruí-la naquelas verdades que o espirito humano, qualquer que seja o seu grau de atraso, recebe com tão grande interesse. Pearl — tão grandes eram os conhecimentos dos seus três anos de idade — poderia portanto satisfazer facilmente num exame sobre o Primeiro Livro da Nova Inglaterra ou sobre a primeira columna dos Catecismos de Westminster, ainda que desconhecesse o aspecto exterior de qualquer dessas obras célebres. Mas aquele espirito de travessura de que todas as crianças teem mais ou menos, e de que Pearl tinha dez vezes mais que a dose vulgar, apoderou-se agora dela, no menos oportuno de todos os momentos, tapando-lhe a boca ou impelindo-a a responder cousas trocadas. Depois de meter o dedo na boca, e fazer muitas caretas de recusa, a pequenina acabou por declarar que não tinha sido criada, que a mãe a colhera da roseira brava que se via ao pé da porta da cadeia.

Fôra-lhe esta fantasia provavelmente suggerida pelas rosas vermelhas do Governador, que estavam próximas, pois que Pearl estava de fora da janela, juntamente com a lembrança da roseira da cadeia, pela qual tinha passado ao vir ali.

O velho Roger Chillingworth, com um sorriso, disse qualquer cousa em segredo ao moço padre. Hester Prynne olhou para o homem de arte, e mesmo naquele momento em que o seu destino estava em jogo, ficou surpreendida ao ver a mudança que se havia operado nas feições d'ele — como estavam mais feias, como a sua tez morena parecia ter-se tornado ainda mais escura,

e a sua figura mais disforme — desde os dias em que de tão perto o conhecera. Encontrou um instante os olhos d'ele, mas logo se viu obrigada a dar toda a atenção ao que se estava passando.

— Isto é horrível! — exclamou o Governador, saindo lentamente do pasmado que lhe causara a resposta de Pearl. — Uma criança de três anos e não sabe dizer quem a criou! Certamente, não saberá mais de sua alma, da sua maldade presente e do seu destino futuro! Parece-me, senhores, que não precisamos de mais averiguações.

Hester lançou mão de Pearl, fechou-a à força nos seus braços, e enfrentou o velho magistrado puritano com uma expressão quasi de ferocidade. Sôzinha no mundo, rejeitada por elle, e só com este tesouro para lhe manter vivo o coração, sentia que tinha imprescritiveis direitos contra o mundo, e estava disposta a defendê-los até à morte.

— Deu-me Deus esta criança! — exclamou — Deu-ma em compensação de tudo mais que me tirou. É a minha felicidade! — Sem deixar de ser o meu tormento! Pearl é que me faz viver! Pearl pune-me também! Não vêdes que ella é a letra encarnada, mas capaz de se lhe ter amor, e por isso com milhões de vezes mais poder de castigar o meu peccado? Não me tireis! Primeiro morreerei eu!

— O pobrezinho! — disse o velho e bondoso padre. — a criança será bem tratada! — muito mais bem tratada que o pudera ser por ti.

— Deu-ma Deus à minha guarda! — repetiu Hester Prynne erguendo a voz até quasi um grito. — Não a entregarei! — E então, por súbito impulso, voltou-se para o moço padre sr. Dimmesdale, para quem, até esse momento, mal tinha parecido dirigir o olhar. — Fala tu por mim! — exclamou. — Foste meu pastor, e tiveste cargo da minha alma, e conhecees-me melhor que me podem estes homens conhecer. Não quero perder a criança! Fala por mim! Tu sabes — pois teus o dom de simpatia, que a estes falta — tu sabes o que há no meu coração, e quais são os direitos de uma mãe, e quanto maiores elles são quando essa mãe não tem senão a filha e a letra encarnada! Não deixes de o fazer! Não quero perder a criança! Não deixes de o fazer!

A este desvairado e singular apêlo, que bem mostrava que a situação de Hester Prynne a tinha levado pouco menos que à loucura, o moço padre avançou immediatamente, pálido, e pondo a mão sobre o coração, como era seu costume sempre que o seu temperamento acentuadamente nervoso experimentava algum abalo. Parecia agora mais magro e mortificado que quando o descrevemos na scena da ignominia pública de Hester; e, ou fôsse porque a saúde lhe fugia, ou por qualquer outra causa, no fundo revólto e melancólico dos seus grandes olhos escuros havia todo um mundo de dor.

— Há verdade no que ella diz — começou o ministro, com uma voz suave, trêmula, mas possante; tanto que ecoou por todo o vestibulo e se repercutiu também na armadura ôca — verdade

no que diz Hester, e no sentimento que a inspira! Deu-lhe Deus a criança, e deu-lhe, também, um conhecimento intuitivo da sua índole e exigências — tanto aquella como estas, ao que parece, são peculiares — que nenhum outro mortal pode possuir. E além disso, não deverá reconhecer-se um respeitável e sagrado mysterio nos laços que unem esta mãe e esta filha?

— Ah! ; como é isso, bom Mestre Dimmesdale? — interrompeu o Governador. — Ponde isso claro, fazei favor!

— Assim deve ser — continuou o ministro. — Porque, se o não reconhecermos, o mesmo será que dizer que o Pai Celeste, Criador de toda a carne, facilmente perdoou um acto pecaminoso, e não teve em conta a distincção entre a luxúria depravada e o santo amor. Esta criança, filha da culpa do pai e da vergonha da mãe, veio da mão de Deus para que de diversos modos operasse no coração desta mulher que com tanto calor e tanta amargura defende o direito de a guardar. Deus lha deu como graça — a única de sua vida! Deu-lha também, sem dúvida, como a própria mãe no-lo disse, para seu castigo; tortura que ella há de sentir em muitas occasiões em que o não espere; dor, pungente espirinho, angústia que volta constantemente, em meio de uma inquieta alegria! Não exprimiu ella este pensamento nas vestes da pobre criança, que tão eficazmente nos estão lembrando aquele simbolo vermelho que lhe queima o peito?

— Ora dizeis bem! — exclamou o bom Wilson — Receava eu que a mulher não quizesse senão fazer da filha uma espécie de saltimbanco.

— Ah! não! não é assim! — continuou o sr. Dimmesdale. — Ella reconhece, podeis crer, o grande milagre que Deus fez na existência dessa criança. E possa ella também sentir — o que me parece que é a própria verdade — que esta graça lhe foi feita, acima de tudo, para que a alma da mãe se conservasse viva, e ella pudesse livrar-se de mais negros abismos de peccado em que, sem a criança, porventura Sathanás a pretenderia precipitar. Por isso é bom para a pobre peccadora ter uma immortalidade infantil, um ser capaz de alegria ou dor eterna, confiado à sua guarda — para ser por ella guiado para o bem — para lhe lembrar, a cada momento, a sua queda — mas também para lhe ensinar, como se o afirmara a mesma voz do Criador, que, se ella levar a criança para o Céu, também a criança a há de levar para lá! Nisto é a mãe peccadora mais feliz do que o pai peccador. Para bem de Hester Prynne, e, não menos, para bem da pobre criança, deixemo-las, pois, a ambas conforme a Providência dispôs.

— Falaís, amigo, com singular veemência — disse o velho Roger Chillingworth, sorrindo para elle.

— E há matéria de muito peso no que disse o meu jovem irmão — acrescentou o Reverendo Senhor Wilson. — Senhor Mestre Bellingham, que diz Vossa Senhoria? Não defendeu elle bem a pobre mulher?

(Continua.)

ESTÉTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

O INDEFINIDO «UM» E O SEU ZUM-ZUM

Pode afirmar-se agradavelmente que na sua grande maioria os jornais portugueses estão sendo redigidos com cuidado na forma e louvável respeito da linguagem. E isto é bom, porque a imprensa cotidiana representa, para muitos, a aula mais assídua, senão a única, de vernaculidade ou elegância da expressão. Convém no entanto (ou por isso mesmo) chamar de vez em quando a atenção da gente de boa-vontade para certos erros ou defeitos que, muito repetidos, desfeiam o estilo jornalístico e quasi todos denotam mais irreflexão do que ignorância ou mau gosto. Basta quasi sempre nota-los para que depois se sintam e evitem por instinto; e digo isto por experiência própria, como quem, curioso de boa-fé e avisado pelas lições de livros ou conselhos de mestres, tem procurado corrigir a sua escrita, e só na insuficiência pessoal encontra obstáculo para atingir sensíveis progressos.

Observarei primeiro que se nota hoje o auspicioso esforço para evitar o papagueio das expressões muito batidas, como esse grotesco lugar-comum do *gesto*, sinónimo de *acto* ou *acção*, que já quasi desapareceu das colunas dos nossos jornais. Mas ainda se tropeça bastante com outras palavras muito acaciais que vieram depois daquela. O *focar*, o *vincar*, o *prestigiar*, o *dignificar*, não falando já do horrendo *homenagear* e das catitas *démarches* (diligências, passos, negociações, etc.) são espécies condenadas pelo seu precoce envelhecimento, mas cuja morte necessária e saudável inunção convém apressar quanto possível.

Já algures (1) me referi à viciosa e afrancesada repetição de *um*, *uma*, contrária ao génio da nossa lingua, tão sequiosa de variedade fonética e portanto tão musical. Ora não há nada menos musical do que esse grunhido antipático em que se transformou o *unus*, *unum* latino, o que o instinto popular logo sentiu, adoptando radicalmente a supressão pura e simples, como se nota em todas as velhas frases correntes e antigos provérbios: *E' coisa sabida. E' homem ao mar. E' caso perdido. Não deixes caminho por atalho. Quem tem mulher formosa, castelo em frenteira, vinha na carreira, não lhe falta canseira.*

Em francês quasi todos estes substantivos teriam de ser precedidos de *un*, *une*, e eu mostrei, com textos de Camilo e Eça de Queiroz, que os nossos escritores modernos, contagiados de francesia, esqueceram por vezes, lamentavelmente, a lição de bom-gosto que lhes vinha do génio literário popular e português. Ora, num dos mais cuidados e bem redigidos jornais de Lisboa, datado de meados de Abril corrente, leio as seguintes frases, todas na mesma coluna, curto aliás e espaçadamente impressa:

«Uma vez fugiu de casa de sua familia, sendo

encontrada dias depois com *uma*, *faca* na mão». (O povo, e quem nunca tivesse lido francês, diria antes: *de faca na mão*).

«A morte de seu irmão Vitor, a quem ella votava *uma* grande amizade, provocou-lhe *uma*, *crise*...» (*Votava grande amizade* é que é bom português e ainda, louvado Deus, muito corrente na lingua oral).

«...Baixando os olhos *num* gesto de humildade, Miss Gibson parece *uma* criatura destinada a passar na vida sem que ninguém dê por ella». (Substituindo simplesmente *num*, por *com*, desapareceria o primeiro artigo indefinido; e do segundo me livraria eu, escrevendo apenas: *Miss Gibson parece destinada*, etc.

«Sob a forma original de *um* coração, foi publicado *um* interessante livrinho...» E logo a seguir afirma-se que a autora do livro «se afirma *uma* delicada poetisa». (Ora em português diz-se correntemente *em forma de lança*, *em forma de lirio*, *em forma de charuto*, etc., sem a minima necessidade do indefinido, que deve poupar-se para os casos já bem frequentes em que é inevitável. E o mesmo se dá com os complementos dos verbos *afirmar-se*, *mostrar-se*, *revelar-se*, e semelhantes: *Fulana mostra-se*, ou *afirma-se delicada poetisa*, soaria perfeitamente bem a quem não tivesse o ouvido já deformado pelo uso intemperante do francês).

Sabemos todos que a prosa jornalística é redigida febrilmente, na pressa da última hora; mas poucos sabem, porque não pensam nisso, que, para muitos erros da escrita, o hábito de errar se perde instantaneamente, desde que nos previnam contra elle. Parece que o génio da lingua, adormecido pela insistente e lenta infiltração dos venenos que a deturpam, acorda em nós de repente com a força que lhe vem das gerações acumuladas e dos velhos tempos decisivos. Quem poderá continuar escrevendo *um certo* ou *um outro*, depois de lhe haverem feito ver que tais combinações, além de francesas, são feias, e quasi sempre ilógicas, além de comprometedoras da variedade e musicalidade do estilo? Português é *certo dia*, *outro officio*, e não *un autre jour*, ou *une certaine occupation*. E é ilógico empregar *um* como indefinido, quando a indeterminação já vem marcada por *certo*, ou como numeral, estando a noção numérica implícita no adjectivo *outro*. E é feio usar involuntária e inutilmente uma palavra feia, e é perigoso esbanjar sem necessidade expressões importunas, que, como o indefinido ou numeral *um*, a cada passo se nos apresentam insubstituíveis e que, portanto, devemos suprimir ou substituir quando o possamos fazer, evitando assim a nossa escrita o tom monótono de fanhosa ladainha. (Nota: Eu tinha escrito aqui *uma fanhosa ladainha* e francamente o confesso, para mostrar que estou falando como estudante de português, e não como mestre).

O indiscreto *um* pode substituir-se às vezes por *qualquer*: «Ficou provada a impossibilidade *dum* (de qualquer) *desses* ministérios à Polignac ou à Cabral».

Outras vezes bastará transportar ao plural a expressão a que nada impõe o singular: «Podiam os cavaleiros entrar no castelo desejado, onde os esperava *um* branco seio». *Branco seio* seria até aritmeticamente mais certo, pois, tratando-se aqui de vários cavaleiros, justo era que os brancos seios chegassem para todos.

Nas expressões *uma vez*, *um dia*, e outras, pode trocar-se *um* por *certo*: *Certa vez*, *certo dia*. «Tinham encontrado *um* patrono *num* homem politico». ? Porque não «*em certo homem politico*»?

Há casos em que a simples mudança do verbo faz desaparecer o indefinido: Apesar da sua alta illustração, que o torna *um* dos (que o coloca entre os) nossos grandes contemporâneos...

Acontece frequentemente empregar-se *um* com força de superlativo, e sinónimo de *o menor*, *o mais simples*, *o mais insignificante*, etc. Assim, na frase «Era *um* avaro intellectual, que não gostava de fazer a esmola *duma* ideia», este segundo *um* pode substituir-se por qualquer daqueles dois superlativos, ou por outro ou outros equivalentes.

Quando ligado a preposição *em*, o indefinido é quasi sempre, e com vantagem, suprimível: «Impressionado pela revelação de *uma* alma tão sensível *num* corpo tão franzino...». Mais musical, mais variado, mais fácil de proferir e mais português seria escrever: *em corpo tão franzino*.

Antes de *tal* o indefinido aparece no geral dos casos supérfluo e intruso. Assim o mostram as frases proverbiais, como *tal pai, tal filho*, e o uso constante dos clássicos, que os escritores de hoje deviam ter em vista para evitarem combinações como estas: «Deu-lhe *uma* tal fúria...», ou «O preso contou com *um* tal cinismo as particularidades do crime...», donde transpira a lenga-lenga do francês pobretão e monótono. É claro que, quando se diz *um tal Fonseca* (ou *um certo Peres*), o indefinido está por excepção perfeitamente no seu lugar, accentuando a noção vaga do fulano indicado.

E também regra geral de boa redacção portuguesa ligar directamente ao verbo *ser* o substantivo predicativo. «Esta campanha é apenas *um* reflexo *duma* campanha geral». Escreva-se *é reflexo*, ou *é apenas reflexo*, ou *é mero reflexo*, ou *é simples reflexo*, e logo a frase soará mais agradável, além de mais nossa.

Resumindo, para concluir: Todos os que escrevemos precisamos de estar de pé atrás para as citadas que nos arma o abuso francês, roufento e inútil do artigo indefinido. Pensar no caso é já meio caminho para resolvê-lo. E o resto vencer-se há de pressa, sem que a pena se nos paralise no pavor de claudicar, porque a boa tendência musical e vernacula está simplesmente adormecida no nosso sangue, e acordará triunfante, mal a acirre um minimo de observação, de reflexão e de auto-crítica.

(1) *Antologia Portuguesa: Paladinos da Linguagem*, vol. I, pág. XLIV e *Eça de Queiroz*, vol. II, pág. LXIV e 85. Ver também *Paladinos da Linguagem*, vol. III, pág. 229 e 85.

CIDADES, VILAS E ALDEIAS



A IGREJA MATRIZ DE CAMINHA

No extremo norte da costa portuguesa, a dois quilómetros do mar, onde o monte de Santo Antão projecta sobre o Minho, na confluência do Couro, o seu comprido cabo, assenta a formosa vila de Caminha, com suas ruas espaçosas e asseadas, envolta na luz resplandecente que o vasto espelho das águas reflecte. Junto do rio Minho, protegida pela muralha de antigo baluarte, ergue-se majestosa, acima do casario da povoação, a magnífica fábrica da igreja manuelina, a que dão entrada os dois belos portais de estilo Renascença, o da fachada, voltado ao poente, e o da porta travessa, ao sul. Enquadram a porta e rosácea da fachada os dois gigantes que acentuam a divisão do templo em três naves, elevando os seus pináculos acogulados acima da nave central, a um e outro lado do cordeiro e cruz florida da empena. A porta lateral oferece uma página formosíssima de iconografia cristã. São admiráveis as quatro estátuas de granito que em seus nichos se enfileiram sobre a arquivolta: os apóstolos S. Pedro e S. Paulo e, entre eles, os dois evangelistas, S. Marcos a escrever o seu evangelho, e S. Lucas a pintar o retrato da Virgem. No timpano do frontão, entre dois anjos, a padroeira da vila, Santa Maria dos Anjos. Pela parte superior do edifício a riqueza dos rendilhados acumula-se sobre a abside: fina filigrana de pedra forma a platibanda entre os pináculos, longa fila de cabeceiras de anjos, de azas abertas, sorri por cima da grossa corda e cadeia que passam sob as gárgulas pitorescas. O interior do vasto templo é dividido em três naves por altas arcarias, apoiadas em elegantes e bem lançadas colunas. O notável tecto de madeira da nave central é uma obra prima de estilo mourisco (mudéjar), semelhante ao que se vê na Sé do Funchal.

Tão preciosa e veneranda joia de arte, classificada de monumento nacional, tem estado ao abandono, caindo em grande miséria. A torre que no flanco da fachada ergue a sua corda de ameias e que há séculos, com a sua voz de



Igreja Matriz de Caminha.

bronze, vem tomando parte nas alegrias e tristezas da povoação, vibrando festiva em dias de núpcias e baptizados ou chorando pelos mortos-tantas vezes pelos pobres pescadores afogados no mar tempestuoso, tantas vezes pelos infelizes emigrados, vitimados em terras da América, estava condenada a emudecer. Os sinos chegaram a este lastimoso estado: rachado um, com as suspensões avariadas os outros, em risco de se despenharem do alto sobre a rua, todos ficaram fora de uso. Acudiu a tal miséria a gente da terra com uma subscrição, sendo obtidos os primeiros donativos pelos srs. Dr. Julio Cândido Baptista e Manuel Antunes Meira, cuja iniciativa foi depois continuada com bom êxito pelo Sr. Aristides Torres, actual presidente da Junta de freguesia. Este activo presidente apelou também para a Administração dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pedindo o concerto dos telhados da igreja e outras reparações. Se este concerto, orçamentado em cinco contos, tão necessário para a conservação do edifício, não

fôr imediatamente feito, o próximo inverno, entre outros estragos, acabará por destruir a obra prima do tecto mudéjar, único do seu género que possuímos no Continente. É de esperar, pois, que as estações oficiais competentes, Administração dos Monumentos Nacionais ou (segundo uma lei recente) a Direcção geral de Belas Artes, perante a perspectiva de ruína que ameaça o magestoso templo, se movam a acudir-lhe com os recursos indispensáveis.

A construção do monumento começou em 4 de abril de 1488, dia em que se lançou solenemente a primeira pedra. Completaram-se, pois no domingo de Páscoa, quatro do mês passado, 438 anos decorridos desde a fundação da igreja, principiada no reinado de D. João II, continuada no de D. Manuel e terminada no de D. João III, em 1556, com a edificação da torre.

LUCIANO PEREIRA DA SILVA.



Porta lateral (lado sul).

COLÓNIAS PORTUGUESAS

A NOSSA RAZÃO DE SER COMO POVO COLONIZADOR E A SITUAÇÃO INTERNACIONAL DAS NOSSAS COLÓNIAS

A situação geográfica de Portugal no extremo ocidental da Península Ibérica, em face do misterioso e desconhecido Atlântico dos primeiros cinco séculos da nacionalidade, nação caracteristicamente litoral, com os seus magníficos portos marítimos e povoada por uma raça forte, audaz e cavalheirosa, de guerreiros e navegadores, marcou-lhe uma finalidade histórica de que resultou o transformar-se na maior nação colonial do mundo, ainda hoje uma das maiores.

A nossa raça tem cabido à realização duma grande obra na humanidade e na civilização. Há quasi cinco séculos que sob o impulso dessa magna figura de português, o Infante D. Henrique, que Portugal tem dedicado o melhor das suas energias à descoberta e colonização do Oriente, Brasil e África.

Se não tivéssemos realizado e continuado esta grande missão, pró-humanidade e civilização, talvez hoje não merecéssemos mais importância que qualquer grande rovinha espanhola. Somos ainda hoje a terceira ou quarta potência colonial do mundo, nisso residindo a razão máxima da nacionalidade e da nossa importância internacional; e tanto assim que a nossa politica exterior cada vez mais se apoia no nosso império colonial, na sua defesa e valimento.

Mal nos iria pois se não ligássemos as nossas colónias à importância e atenção que elas merecem e de que, cada vez mais, precisam. Além do valor politico e principal que para nós têm, o seu valor economico é incalculável, pois os seus 2.070.585 km². de territórios podem produzir tudo o que a agricultura, em todos os climas, é capaz de produzir, desde os produtos tropicaes, como a borracha, as fibras, o cacau, o café e as oleaginosas, até ao milho, a batata e o trigo, e tudo o que a industria mineira pode extrair do sub-solo, como o carvão, o petróleo, o cobre, o ouro, os diamantes e o ferro.

É esta tremenda riqueza que contribui para rodear de perigos o nosso império colonial, pe-

las desmedidas ambições que atrai, sobretudo da parte dos países que, atacados do delírio de grandezas imperialistas ou simples necessidade de conseguir matérias primas, pretendem a todo o custo obter colónias. E as nossas, sobretudo Angola, Moçambique, Guiné e S. Tomé, são na verdade do melhor que em matéria colonial se conhece como riqueza e possibilidades.

E se depois da grande guerra, com o facto de o tratado de Versailles ter despossado a Alemanha das suas antigas colónias e o delirante

prurido de independência da Gran-Bretanha e hegemonia em toda a Africa que fica ao sul do Equador, sendo hoje bem claros e manifestados até publicamente pelos seus estadistas e imprensa, os seus desejos nesse sentido.

Além disto a Alemanha não se resignará a passar sem colónias, e os aliados que, tomaram conta das que lhe pertenciam, como mandatários da S. D. N., não se mostram muito dispostos a cedê-las aos seus antigos donos. Por outro lado a Itália, pleitorica de energias e ilusões, possivelmente em vésperas de obrigar os outros

povos a despejarem-lhe alguns baldes de água fria sobre a fêvida e bélica arrogância, declara que precisa de colónias e que está disposta a obtê-las seja de que maneira for. Daqui têm nascido, de várias origens, sugestões para que se satisficam todos os appetites e renasça a tranquilidade... à nossa custa, com a distribuição de umas boas fatias do nosso império colonial.

Claro está que a nossa velha aliança com a Gran-Bretanha e o prestigio que, mercê dos nossos delegados, temos conquistado na S. D. N., de algum modo afastam ou demoram os perigos que nos assoberbam, mas mal de nós se não fizermos mais alguma coisa do que até aqui temos feito

para nos defendermos. Esse mais alguma coisa consiste em administrarmos capazmente as nossas colónias e afastarmos com energia e intelligência todas as oportunidades e motivos para que nos ataquem e tentem demonstrar na S. D. N., como já se tem procurado, que, apesar do nosso glorioso passado, somos hoje incapazes de administrar como é preciso, em face das modernas circunstâncias, o nosso património colonial.

O que seria feito de nós sem colónias?

Perderíamos a continuidade e a razão de ser da nossa missão na humanidade e na civilização, e ai dos povos a quem tal succede; a história universal bem no-lo pode demonstrar.

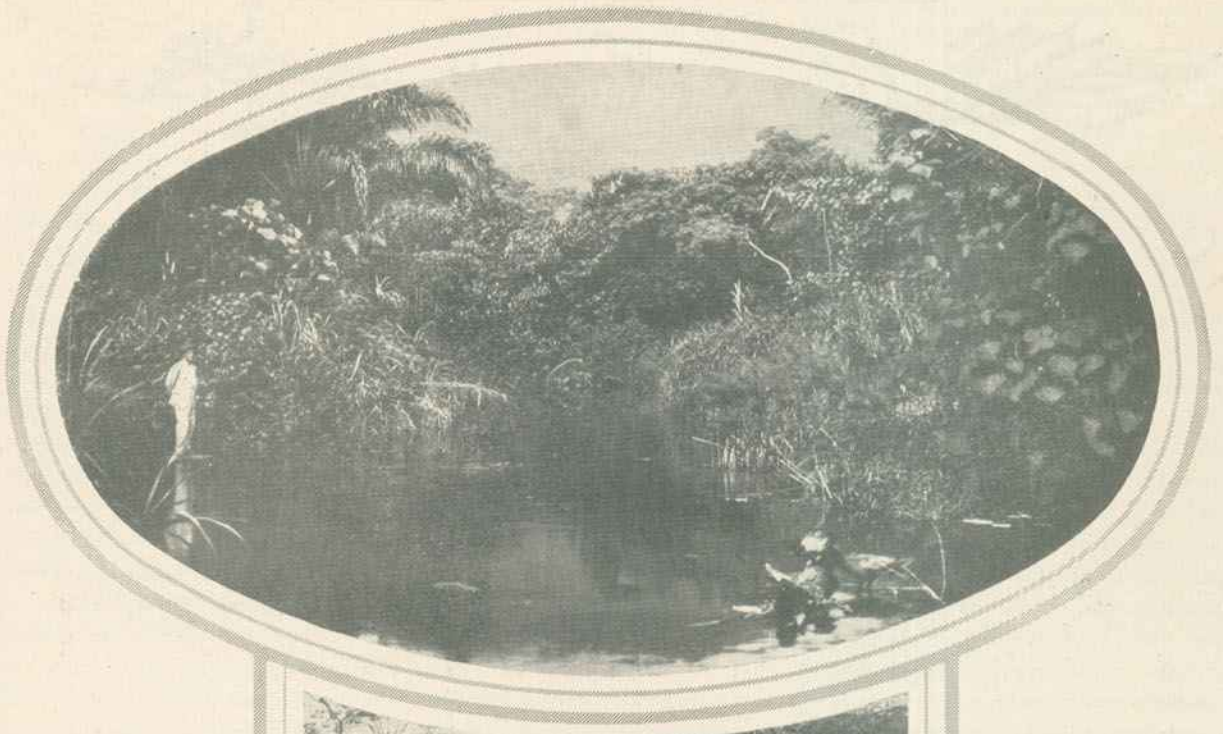
A. Z. C.



ANGOLA. — Jangada carregada de indígenas atravessando o rio Covo na região do Anboim

imperialismo do sr. Mussolini parecer ilimitado, os appetites se aguçam, a verdade é que antes de 1914 já a União Sul Africana não escondia o seu desejo de mais tarde ou mais cedo lançar mão de Moçambique e a Alemanha procurava combinações com a Inglaterra para subrepticamente se introduzir em Angola e acabar por dela tomar posse efectiva.

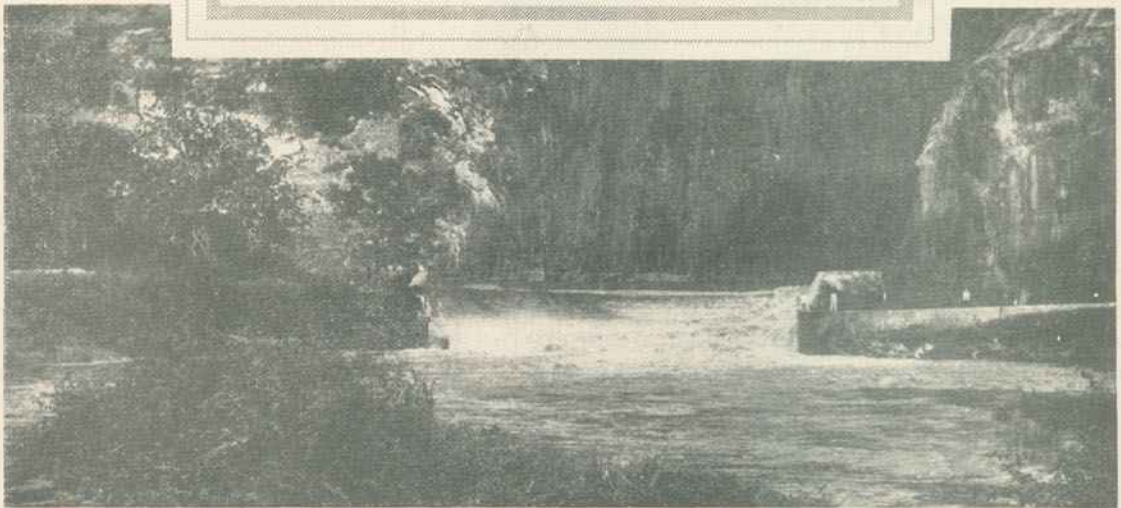
A guerra, que teve o condão de melhor evidenciar o valor que as colónias têm, pelo auxilio de toda a ordem que podem prestar às respectivas metrópoles, mais intenso torna o desejo das grandes nações sem colónias, ou colónias que pouco valem, de as obter. Por outro lado, a entrada na guerra da União Sul Africana veio dar-lhe mais força e aumentar ainda os seus



São as nossas colônias pródigo-
mente dotadas de riquezas
naturais sem par e de maravi-
lhosas paisagens. Estas três
gravuras dão-nos interessantes

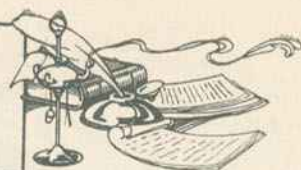


aspectos duma paisagem no
Carloaongo, duma ponte genti-
lica sobre o Coiva e duma aqu-
de no rio N'gussa em Novo
Redondo — Angola.





Livros e Escritores



SEM rancores de hereje nem júbilos de beato, guardando a neutralidade que nos cumpre manter aqui, verificamos apenas o fenómeno: passa novamente sobre o mundo uma onda de misticismo. Pronunciado já muito antes da Grande Guerra, condensou-se extraordinariamente durante os anos que ela durou, porque a dôr é, por excelência, a genetriz da fé. Com pedras carregadas até por homens alheios à apologetica de qualquer seica, vindos do campo insuspeito da filosofia, como Boutroux, William James, Le Roy, Bergson e outros, a cidade espiritual vai reconstruindo, a pouco e pouco, os seus muros, que os arietes e as catapultas do materialismo converteram em escombros. A respeito do pensador da *Évolution Créatrice* escreveu Remy de Gourmont uma frase que vem a propósito citar, como expressivo depoimento sobre a cumplicidade, aliás desinteressada, de Bergson nesta exaltação idealista da alma contemporânea: «Les nuclées métaphysiques qu'il remue avec éloquence se résolvent en pluie religieuse, et cette pluie, en séchant, laisse comme une manne dont se nourrit la croyance».

Raros espiritos na hora presente poderão, com firmeza, declarar a sua impermeabilidade às gótas penetrantes dessa invisível chuva. E em múltiplos aspectos da vida hodierna esta mudança de atitude é patente, sobretudo na literatura, dando mesmo aso a autênticas conversões, como a de Manuel Ribeiro, recentíssima, e a anterior, de Guerra Junqueiro, referindo-nos só a duas bem conhecidas.

Dêste modo, não nos causou surpresa o sub-título «poema religioso» no último livro, *Verbo Ser e Verbo Amar*, do poeta de subido estro da *Ara*, do *Auto das quatro estações* e do *Elogio dos Sentidos*, para não citar senão três dos seus belos livros. Na sua obra, tão vasta, este acento de religiosidade sobrenada sempre na sua inspiração, e os próprios títulos dos volumes o denunciam: *Ladainha*, *Parábolas*, *Ara*, *Alma Religiosa*, sem esquecermos as *Tentações de S. Frei Gil*, que mostram o poeta aspirando com delícia o odor do *Flos Sanctorum*, escripto de encantadores «romances do céu», como lhe chamou Renan;

O livro último de António Corrêa de Oliveira

é, afinal, seqüência, na orientação do espirito que o anima, dos livros anteriores do grande poeta. Mas em nenhum deles a sua concepção ousara abarcar tão largos horizontes: a história da criação do mundo e o dramático raconto do sacrificio de Jesus, exumado, para a nobre arte do verso, das laudas de ouro e sangue das Sagradas Escrituras.

Em quatro cantos, compostos em tercetos de fino timbre (todavia, por vezes a forma obscurece-se, como que tocada da nebulosidade do tema), cantos denominados, respectivamente, *O Paraíso*, *O Desterro*, *Esperança Nossa* e *Regresso a Deus*, ergue-se a sumptuosa fábrica do poema, impondo esta impressão devêras consoladora: a literatura portuguesa pode ainda contar com quem a sirva com mais alguma coisa do que obras fragmentarias, sem fôlego e sem vibração, isto é, com quem a dote com trabalhos que se recomendam pela grandiosidade e por um alto sentido de Beleza, como é o livro *Verbo Ser e Verbo Amar*.

Passado é quasi um ano que Luis da Câmara Reis leu, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Coimbra, uma conferência bastante



António Corrêa d'Oliveira

curiosa pelo assunto e, não menos, pela linguagem castiça e elegante em que foi composta. Para que entrasse no domínio do grande público digno de saboreá-lo, esse trabalho, sob o título de *Cidades Antigas*, *Terras Mortas*, foi agora impresso, obtendo, por sinal, uma execução gráfica primorosa, de jeito a excitar

o apetite dos nossos, já hoje numerosos e entusiastas, colecionadores de edições artisticas. Em expressivas palavras vinca-se nestas páginas a apologia das viagens, sempre doadoras de ensinamento e prazer, e é evocada, em realce dessa apologia, uma série de lugares do nosso Portugal e de alheios países, desde longe eleitos como sacrários de beleza, quer pela magestade dos seus monumentos, quer pelo encanto das suas paisagens. Assim, entre outros, surge na nossa imaginação e na nossa saúde, em sugestivos esboços, aspectos de Évora, Braga, Porto, Guimarães, Tavira e Coimbra, velhas cidades nossas que conservam muito de típico, e Sevilha, Toledo, Paris, Florença, Veneza e muitos mais pontos do mundo, que os espiritos finos e cultos, ao olbarem um mapa, distinguem logo como imorredouros fanais de vida inquieta, sonho, poesia e lenda.

Tagarro, com um lapis que tem o exacto sentido da illustração própria do livro, acresceu, com meia dúzia de desenhos ajustados às evocações do texto, o atractivo da excelente conferência de Luis da Câmara Reis.

Apadrinhado pelo sr. dr. Azevedo Neves, o sr. dr. Santana Rodrigues, assistente na Faculdade de Medicina de Lisboa, lançou há pouco nas montras das livrarias um volume com jus a classificação de notável e que, para mais, não encontra ainda na bibliografia portuguesa outro que, pelo teor, se lhe equipare. Da leitura dos seus capítulos extrai-se, a respeito da terra indiana e dos seus habitantes, uma idea totalmente diversa de aquela que muitos escritores europeus, de leviano juizo e erudição apenas superficial, levados simplesmente na galopada da fantasia, nos teem incutido no espirito. Este livro, *Índia Contemporânea*, estava, portanto, sendo necessário, andando bem o autor, português da Índia, em acumular, com nitidez e excelente ordenamento, nas suas páginas essa soma de dados preciosos sobre aquela região do Oriente, madre de civilizações, dados que teem sobretudo para nós o sabor de inéditos, e certamente também para a maioria das pessoas que, a respeito do assunto, não logravam até agora, para ali-

mento da sua curiosidade, senão uma informação inquinada de erro.

Escritor de pena brilhante, o sr. dr. Santana Rodrigues começa por nos historiar os motivos por que se formou em volta da civilização hindú uma *muralla de mistério*, e chega depois, sempre documentando os seus assertos e mostrando-se na posse de completos conhecimentos sobre a matéria, ao ponto nodal do seu trabalho, que consiste em nos advertir de a importância e de o avassalador incremento que a idea nacionalista está tomando naquele povo. Os homens que orientam esse movimento emancipador, assente não na violência mas na reforma dos espiritos, pela reconstituição da esplendorosa cultura indiana, como Mahatma Gandhi, que a imprensa nos tinha feito ver como um vulgar insurrecto e é, afinal, um apóstolo da humanidade, são-nos revelados aqui, em perfis que teem vigor no traço.

Como não podia deixar de ser, tratando-se de matéria que se entrelaça nos sentimentos mais profundos duma alma, o autor escreve certas destas páginas com bastante calor patriótico. Mas isso não nos habilita a supô-lo desvirtuador da veracidade dos factos que expõe, informativos dos aspectos das sciências, das artes, da literatura e das indústrias na India actual, a par, como se viu, do da evolução das doutrinas politicas que a levarão a emancipar-se, mais tarde ou mais cedo, do dominio europeu.

Segue-se, pois, que a India patenteada neste livro é bem pouco a India mística e cheia de lirismo, sob um véu de mistério, que nos habituaram a conceber. Esta nova India revelada pelo sr. dr. Santana Rodrigues, por menos decorativa e especiosa, interessará, de facto, pouco o *touriste*, mas, em compensação, interessa mais o estudioso, porque está mais dentro da realidade e porque é, supomos agora, a que verdadeiramente existe.

O que Albalat realizou para o público francês, num livro muito apreciável, realizou para o nosso, com não menor felicidade de critério, o sr. dr. José Guerreiro Murta, um dos mais proficientes elementos do nosso professorado liceal e uma pena de publicista muito distinta. *Como se aprende a redigir* é o titulo da obra a que alludimos, dentro de curto espaço de tempo absorvida pelo público, na sua primeira tiragem, o que testemunha a sua utilidade.

Contra o que em geral se supõe, saber redigir não importa só aos que ambicionam enve-

redar pela carreira das belas-letas. Todo o homem que vive num mediano nível da sociedade, mesmo nas práticas mais triviaes da vida, encontrará vantagem em ser correcto na linguagem empregada nos seus escritos ou nas suas falas.

Mas foi, sobretudo, para a população escolar que o sr. dr. Guerreiro Murta elaborou o seu re-



Santana Rodrigues

comendável trabalho. Frequente é ver individuos que, tendo adquirido estudos superiores, principalmente nos ramos sciencíficos, saem dêles com uma precária preparação literária, ao ponto de mais tarde, muitas vezes, a testa de uma fábrica ou de um laboratório, quazerem traçar as páginas dum simples relatório de serviços e verificarem a sua impotência para esse trabalho. Porque lhes falte intelligência? Não. Únicamente porque, no seu curso liceal ou no equivalente, essas faculdades não obtiveram quem as acordasse e lhes desse disciplina.

É para isso mesmo que se publicou o *Como se aprende a redigir*, que, além de nos incitar ao amor pela nossa lingua, nos guia através do mundo literário, indicando-nos onde estão os bons modelos e como darmos forma nitida ao pensamento. Com bastante documentação, consistindo esta, já numa parte de antologia, já em inéditos de vários escritores de nomeada contemporâneos, e passando em revista os diversos gêneros em que se divide a literatura, este livro é uma boa acção do sr. dr. Guerreiro Murta.

Com que vivo prazer se lêem sempre os livros de Venceslau de Moraes, esse apaixonado das terras nipônicas! Um novo volume seu surgiu agora, intitulado *Serões no Japão*. Certo é que o seu conteúdo não é inédito: constituem-no as crônicas que o velho escritor, em tempos já distantes, concedeu a uma boa revista há anos extinta. Mas exactamente porque essa avulsa publicação já não é de hoje nem de

ontem, estes escritos valem quasi como se fôsem por inteiro desconhecidos.

Nos seus capitulos, tão ricos de sentido folclórico, continuam a perpassar, admiráveis de observação e de colorido, scenas da vida do povo japonês, sempre interessante para nós, europeus, pelo que de bizarro e de caracteristicamente privativo contém. Aqui são notas de arte, falando-nos o autor da arquitectura religiosa: naquele encantador país, mais além são-nos descritos lindos trechos de paisagem, como no capitulo *As cascatas de Kobe*, depois, sempre pela mão amiga do escritor, é-nos dado penetrar no lar japonês, tendo passado primeiro os olhos por crônicas onde obtemos conhecimentos da heráldica, da indumentária, da liturgia, da epistolografia amorosa e de outros aspectos, todos palpantes de caracter, daquele povo que soube enfeiticar para sempre a alma d'este bom velhinho, enternecidamente votado a impô-lo a simpatia dos occidentais, em páginas transparentes, que exalam um perfume estranho e embalsador, em livros que ministram ensinamento e fornecem leitura repousante aos nervos, pela grande suavidade que os reveste.

Luis de Oliveira Guimarães trabalha bem a crônica, imprimindo-lhe brilho e graça. Dentro do gênero fútil, onde se sente como peixe na água, o seu talento *goguenard* e malicioso tem produzido algumas páginas desenojativas. Mas de quando em quando, morde-lhe o *bicho* poético, sarna que ataca muito a nossa gente, e ei-lo a escrever em verso as futilidades que são tão do agrado do seu temperamento risonho, mas em verso que mostra ter mui precária consideração pelos preceitos que Horácio ou Boileau ou Castilho se afadigaram em codificar nas suas artes poéticas. Fã-lo, porém, Luis de Oliveira Guimarães com espirito inovador, no sentido de substituir as antigas fórmulas métricas por outras mais desarticuladas e amplas de beleza? Não. Fã-lo, simplesmente, por desma-zêlo e para irritar os praxistas.

Gaixa de amêndoas é o seu último livro desta espécie. Encontrando nos seus versos, quanto aos assuntos, aquele sabor agradável que é habitual nos escritos do publicista, não podemos eximir-nos, perante os seus frequentissimos deslizes de forma, a olhá-los com aquele olhar desapontado que os gulosos por amêndoas devem ter ao verificar haver nelas mais gêsso do que açúcar — simile que o titulo do volume de sobra justifica.

CÉSAR DE FRIAS.

DE BURGOS A S. SEBASTIAN

Deixo Burgos, com os da minha comitiva, ao romper de alva. A cidade ressona o seu último sono. A neblina, um crepe fúnebre em que a noite friorenta se envolve e se agasalha, dilói-lhe as arestas e afoga-lhe os contornos.

Quando o expresso se põe em movimento o Castelo, lá no alto, é um fantasma entre sombras. A Catedral, mais abaixo, é uma sombra entre fantasmas. Torres e pináculos, perdendo-se no espaço, estremeecem no seio da névoa.

Para além da cidade avista-se, negrume na

ções acocoradas no sopé dos mórros, estes de natureza argilosa, e não graníticos ou calcários, tem o aspecto de vastos aglomerados de tijolo verde. No termo de Briviesca, certa aldeiazinha abastada levanta ao colo uma torre que me lembra uma sua prima do norte de Portugal: — torre quadrangular, à maneira das antigas albarrãs de combate, as duas sineiras gêmeas a fingirem de seteiras, os dois sinos das festas e dos baptisados a representarem de guerreiros, guerreiros da cruz na peleja contra os infiéis.

Para além de Pancorvo, ao norte e ao sul da via, a serra toma vulto, arremete agressiva, os dentes arreganhados para o alto.

É a guarda avançada dos Pirinéus, pretendendo naturalmente impedir acesso aos intrusos. É a ala dianteira do formidável exército de sérrros e picos da cordilheira próxima, que veda a dívida intima-nos a retirada, caso não queiramos prestar vassalagem à soberania secular da Biscáia, do Bearn, da Gasconha.

O dia, neste transe sob o mais claro sendal de festa, assegura a serranta os nossos ânimos pacíficos. O certo é que a avançada continua. E que, por vezes, como acto de confiança, nos abeiramos tanto da hirsuta armadura das vertentes, que nem lhe vemos bem a cor e o feitio: — pois que no combóio, como na vida, se vêem pior as coisas consideradas de mais perto.

Nos compartimentos despertam os viajantes. Uma donzela de verdes anos, aconechada na minha cabine, leva as mãos marfíneas, com dois rubis que fuzilam como olhos de felino, à procura de qualquer cousa: — talvez do ouro dos cabelos, sacrificados ao culto de Ninon. Lembra-se, porém, do cruento destino dos ausentes. Bate as pálpebras, conchas de nácar sobre moluscos azuis. Boceja sonolenta, tacteando agora o setim alvo da face. Como um cavalleiro calvo, que também acorda neste instante, a fite e a investigue num vago alheamento de sonho, ela desperta de todo. É então, nervosa, ágil, aore o saquinho de mão, revista-se ao espelho de cristal, polvilha de rosa o leite do rosto, carrega de carmezim o debruado da bôca.

A seu lado, uma senhora de anos menos viçosos, por certo o tronco daquele raminho de Pascoa, dorme ainda. A cabeça inclinada para trás, a face voltada ao alto, a bôca escancarada, parece dar o dô de peito. Mas a menina florescente

sacode-a. E ela, acordando estremunhada, os cabelos em desordem, na attitude um terror de pânico, inquire, quasi brada:

— Paris?!

Uma outra menina, esta do meu conhecimento e do meu torrão, dirige-se a mim, que observo e anoto do corredor da carruagem. E vendo-me a sorrir, sob a coega do despertar da desgrednada senhora, comenta, compadecida:

— Isto é horrível! vinte horas de viagem!

Decido tonificar, com os exemplos viris da raça, a débil energia lusitana da minha interlocutora. Cito-lhe a empresa magnifica de Egas Moniz. De Guimarães, perto do mar, mete a Leon, nas entranhas das Astórias. Leva mulher e filhos. Vão todos descalços, em azémolas vagarosas, os mimosos pés, afeiçoados aos tapetes reais do Paço, cortados pelos frios montesinhos. Todos êles arrastam baracoço por ser penhor da palavra dada a vida própria e a dos seus. O amo de Egas Moniz, Afonso Henriques, primeiro rei português, faltara ao tratado de Zamora, assinado com Fernando VII de Leon, tomando de assalto Badajoz. Êle, aio e mestre, afiançara a lealdade do Monarca. A falta do Senhor, resgatava-a pela morte o servo fiel. E não consta, pois a historia não deixaria de o registar, que o espartano Egas Moniz, perdoadada a dívida alheia pelo magnânimo Fernando VII, no longo regresso de Leon a Guimarães, ao vigésimo dia de jornada, tivesse acordado com o despontar do sol sobre as muralhas de Orense, gritando para a peonagem:

— É Guimarães?!

O que eram vinte horas de viagem, no embalo das molas e bogies, na moleza laxativa dos sofás estofados, em confronto com as jornadas de meses, a pé, a cavallo, no mar, perpetradas pelos varões de recuados tempos?

Os legistas de Sancho I, que se foram a Roma, a fim de amansar a côria, atravessando estados e cordilheiras ao passo lento de muare. Os navegantes da epopeia marítima, que em quatro palmos de madeira abarcaram as quatro partidas do mundo.

A minha grácil patricia, diante da cavalgada de Egas Moniz, já reduzia a minutos as vinte horas do seu sacrificio. Ao recordar-lhe Magalhães, e os mares do sul, e as terras do Fôgo, e as costas do Chile, cortou-me a palavra, chamou-lhe um afável instante.

— O instante dum sorriso.

Mas o vale do Ebro, de súbito, recua-nos o horizonte para longe. A conversa dá a vez ao silêncio — muito mais eloquente do que Cícero. E o vale ubérrimo, dum verde de esperança e de promessa, dum matiz de rica alfombra de Smirna, dilata-se à nossa vista nas dimensões dum reino.

O dragão de ferro e fogo, farto de papar lèguas, detem-se na estação de Miranda, para tomar fôlego e beber água.

Da janela da carruagem, do lado oposto da gare, descubro outro combóio, outras carrua-



Catedral de Burgos

penumbra, o convento de Santa Clara. É a hora do côro das monjas descalças que a reformadora de Assis, filha espiritual de S. Francisco, condenou à pena perpétua da penitência. As monjas do Real Monastério das Huelgas, dois vãos de pomba à rectguarda, essas à certa gosam ainda a tepidez dos lençóis e o agasalho da cela. Ou elas não fossem Senhoras Donas, não fruissem mimos de fidalgas no palácio doado por Afonso VIII de Castela, não tivessem por pastora dama de estirpe real, abadessa por graça de Deus como os Reis católicos do ocidente, senhora de «baracoço e cotelo» como os ultivos barões da Idade-Média!

A luz vai dissolvendo a neblina, que parece dissolver-se agitada pelo combóio em marcha. Nem copo de água em que se lance colher de açúcar. A água fica turva, quasi opaca. Mas mexemo-lá com a colher. E o liquido espesso adelgaça, pouco a pouco, e pouco a pouco adquire limpidez, torna-se transparente por fim.

Assim, Barrios de Colina, marco divisorio entre a região castelhana, raze e triste, e a região navarresa, acidantada e risonha, aparece-nos já no seu pósto de vigia sem disfarce ou reboço.

Estamos no começo do colar de mórros, de que nós, combóio e linha férrea, passando através dos túneis, somos o fio de ligação. As povoa-

gens. São as de destino ao Mediterrâneo, aquelas que o Ebro, bom guia e sábio engenheiro, vai conduzir ao mar azul dos deuses olímpicos e do amor de Cleópatra, o mar noite e dia abençoado pelas rutinas sagradas de *Sagunto*; são as que vão por Logroño, berço do *El-Mudo*, por Saragoça, a *Salduba* do fénicio, onde a Torre-Nova segue a inclinação da sua irmã de Pisa.

Um grupo de criados do bufete entra nas carruagens a oferecer café com leite, pão com manteiga. E o combóio retoma a sua faina, os passageiros todos acordados, quasi todos louvando o inesperado *desayuno*, pois o expresso não leva carruagem restaurante e os solícitos mirandeses acompanham o serviço até à paragem imediata.

O Ebro. Gruzamos com o seu dorso crispado de andarilho. Caminha serenamente, como a deitar contas à vida, ou saudável das delicias folgadas na terra da promissão.

Porque o largo vale passeado pelas suas águas claras, dum cristalino rútilo de espelho, é um esmalte na frescura e um celeiro na abundância.

Depressa galgamos a distância que nos separa da montanha. Na região de Nanclores sentimo-nos de novo colaborando na escalada do céu. À direita, num flanco alteroso, um castelo antigo fala-nos da eterna contenda dos apetites e dos egoísmos humanos. Do fundo da vertente sobe para a fortaleza uma floresta de carvalhos: — é um assalto à maneira medieval. Em baixo, entre a linha e a floresta, estranha à altivez do castelo e à investida dos assaltantes, uma ribeirinha feliz caminha e sorri, airosa nas suas curvas femininas, vaidosa dos seus brancos nenúfares. As suas curvas são as da donzela no passo musical da *malagueña*. Revela a graça festiva

dos, entre carlistas e cristinos, sempre com a definitiva vitória para o lado dos da sua feição.

Cidade carregada de séculos e glórias, revivo uma das suas mais nobres tradições, a do juramento do sindaco municipal sobre o *machete vitoriano*: «Que me cortem a cabeça com este *machete* se não defender os fóros do país».

As casas altas, de *miradores* envidraçados, não nos deixam dúvidas sobre os frios cortantes da serra.

De facto, a serra alta-se cada vez mais, em pleno domínio vasconco, em sucessivos planos sobrepostos.

A linha férrea, às voltas com as asperezas da ascensão, é tal qual uma ruga no ventre dum gigante; — estamos no poderoso reino dos gigantes, de verão vestidos de verde, capas ricas de bôda com a pelagem de carvalhos e castanheiros, de inverno encapuchados em lindos e alvos mantos do melhor arminho que vem ao mercado. Alguns desses monstros, espreitando-nos da direita, vigiando-nos da esquerda, conservam restos de arminho no coroto da cabeça. O sol, que não respeita a neve dos pendores e da planície, deixa-a à vontade nas alturas inacessíveis. Então os morros nevados lembram



S. Sebastian — Passeio do Príncipe de Astúria

e camponezas no amanho das hortas. Arvorêdo, muito arvorêdo, castanheiros e carvalhos, pereiras e macieiras.

Diz-se que a língua deste país só a entendem os naturais. No entanto, eu olho para estas árvores e afigura-se-me que a fala delas é a das nossas. Que são como as da minha terra, as da minha infância, as dos meus maiores. Que me entenderiam sem dificuldade, se lhes dissesse de cá no meu melhor português:

— Bons dias, amigas!

E que eu as entenderia a elas, quando elas me respondessem:

— Deus Nosso Senhor lhe dê os mesmos!

Entramos na gare de Zumárrriaga, a que liga para Bilbao. Depois na de Vila Franca.

Na estação de Tolosa, a perto de mil metros de altitude, vêjo os primeiros miquelêtos da Biscaia — dois guardas da policia regional, mões elegantes e musculados, de boina e calça encarnada, romeira e blusa azul, esta abraçada pelo cinto do terçado.

Os cêrros arborizados correm contra nós. Por vezes, se nos aproximamos demais, redemoi-nham e saltam num delírio de batuque.

Em Andoaín, sob a marquesa de ferro, perfila-se um miquelêto de barbas brancas. Tem o ar litúrgico dum guardião de convento. As barbas de monge avultam sobre o azul da romeira.

Picos severos. Gargantas estranguladas. Vales profundos. De repente, a marcha mais veloz e mais fácil, descemos à planura. Esculpem-se vilas no agasalho de parques. Veem ao encontro do dragão lindas vivendas campestres. Atravessamos um rio: — é o Urumêa. Descortinamos o mar: — é o Cantábriico. E em menos dum credo S. Sebastian, a formosa, expõe ao sol, e a nossa vista, os seus nobres encantos de grande Senhora.

— S. Sebastian! S. Sebastian! — canta, no sussurro da gare, um velho ferroviário.

SOUSA COSTA.



Costumes buscos

duma noiva sob as flores de laranja. É verdade, vai casar-se, que já a espera no seu leito o rio Ebro.

Vitória surge-nos daí a nada. E à sua brusca aparição, por trás dum monte, atravessa-me a memória um vasto activo em batalhas perdidas e batalhas ganhas, terreiro agitado de lutas entre visigodos e vascos, entre franceses e alia-

De momento a momento transpomos rios caudalosos, flanqueamos povoações fabris — porque a homem anão, além de domesticar, um por um, os gigantes dos três reinos da Natureza, ainda lhes aproveita, em benefício próprio, as forças e os despojos. Ali, cercado de ravinas e precipícios, faz do suor das montanhas a corrente de alta tenção, o movimento do volante, a actividade do tear, a fecundidade dos maquinismos.

Aquele suor, obediente à sua vontade, tor-



TEATRO



«SALOMÉ» DE O. WILDE NO POLITEAMA

ATRAÍDA por uma curiosidade mórbida de escândalo, uma grande multidão encheu há dias a vasta sala do Politeama, onde Amélia Rey Colaço anunciou, para sua festa artística, uma peça de Nicodemi e a *Salomé* de Oscar Wilde.

Conquanto para uma plútea de admiradores e amigos da gentilíssima artista, a representação de qualquer das peças, e em especial a da *Salomé*, decorreu sempre num ambiente difícil, morno, desconfiado. No final os aplausos não podem classificar-se de entusiásticos. E à saída do teatro, a crueza, a diversidade e o desacôrdo dos comentários justificavam sobejamente a ininteligência e a atitude casmurra da platêa.

Pouco interessa à *Ilustração* a peça de Dario Nicodemi.

De resto, a grande atracção da noite era a primeira representação em Portugal da *Salomé* do poeta inglês Oscar Wilde.

Este era, em verdade, o grande fulcro da curiosidade indigena.

Diziam-se maravilhas do cenário e do luxo do guarda-roupa. Faziam-se previsões dum fiasco tremendo, aventavam-se as mais sôltas e descabeladas hipóteses. Foi, pelos corredores e camarotes, durante a longa meia-hora de intervalo, uma lauta orgia de soalheiro.

O pano ergueu-se por fim, e o mistério religioso começou, na penumbra lunar duma noite de Galiléa.

Soldados romanos falavam da lua e de Salomé. E Salomé começa rondando, com olhos luscentes e um trote sinistro de hiena, a boca duma cisterna. Em baixo, na escuridão, arrastando ferros, o feroz Yokanaam rugia os seus anátemas formidáveis.

E logo um moço capitão sírio, pelo amor da princesa, se atravessa com o seu curto gládio militar.

Uma onda de sangue alastra sobre o eirado da cidadela. O luar é já vermelho, côr de sangue. Dir-se ia que chove sangue e não luar.

E Salomé baila o bailado dos sete véus para pedir num prato de ouro, a cabeça decepada de Yokanaam. Possessa de virgindade lúbrica, beija-a, beija-a depois, cevando-se em macabra luxúria, na posse da cabeça livida e terrível que emudecera para sempre.

— «Matem essa mulher hedionda! Matem essa mulher hedionda!»

E os soldados romanos afogam em sangue nessa noite lóbrega de Machbet, a lúbrica e alucinada hiena.

O mistério findara, numa visão de pesadêlo.

Conquanto não isenta de pecados — e de pecados graves, por sinal — não devemos regatear a Amélia Rey Colaço os aplausos devidos pela sua temerária osadia.

Ela habilitou-nos com a sua ância de inovadora e de animadora, a verificar de perto tôdas as grandes fraquezas de que enferma o nosso

restrito mundo teatral contemporâneo. Ela pôs cruelmente em relevo tôdas as deficiências dos nossos actores e actrizes, a incipiência dos seus processos, a inconsistência das suas opiniões e da sua aprendizagem.

Uma obra da grandeza terrível e fragilíssima dessa *Salomé* exige um tirocinio de grande Arte e uma segurança de pulso que de há muito se exilaram desta bôa terra e dêstes lindos céus.

Tôda a contestura musical da obra se dissol-

em-gazes que a penumbra lunar do palco mais discretamente velava.

Nem tudo porém se perdeu, nessa noite de generosa tentativa.

O cenário e figurinos de Raul Lino, a composição de certos quadros, o fôgo e o emprêgo da luz em scena, certos detalhes de marcação, fôram duma felicidade perfeita.

Deviam ter presidido à criação dêsse ambiente os modernos princípios scenográficos que fazem da luz um dos maiores transfiguradores de scêna, e de que Normam Ben Geddes, na *Jehanne d'Arc* de Mercêdes d'Acosta, usou e



(Cliché Silva Nogueira)

veu e se perdeu na aritmia do seu desenvolvimento. O que exigia um ritmo convulso e bárbaro, golpeado de sombras e de claridades, foi levado sem nenhuma espécie de ritmo, como um novêlo que se desenrola pavorosamente. O prestígio da palavra, que já na versão resultava pobríssimo, foi inteiramente abolido pela dicção ora pastosa ora ôca dos actores.

E a platêa, na sua maioria ignorando a Bíblia, Oscar Wilde, Yokanaam, o conto lapídario de Flaubert, todo o espirito da obra, não soube ocultar o seu mau-humor por sentir-se lograda na sua curiosidade mórbida.

Em vez duma Salomé impudicamente nua, surgiu-lhe uma Salomé voluptuosamente envôlta

abusou tão perdulárimamente na Porte Saint-Martin, em Paris.

Certo, a platêa não o compreendeu. De tudo o que lhe passou diante dos olhos, só registou as deficiências do bailado, as insuficiências de Alexandre Azevedo e Emilia de Oliveira, as próprias fraquezas de Amélia Rey Colaço e de Francisco Lage, que se abalançaram a emprêsas demasiadas para as suas forças.

Nós, porém, espectadores imparciais não regateamos louvores à ilustre artista Amélia Rey Colaço, que a despeito de tôdas as indicações em contrário, tentou pelo menos dar-nos uma noite de grande arte.

J. F.

ARTES E ARTISTAS

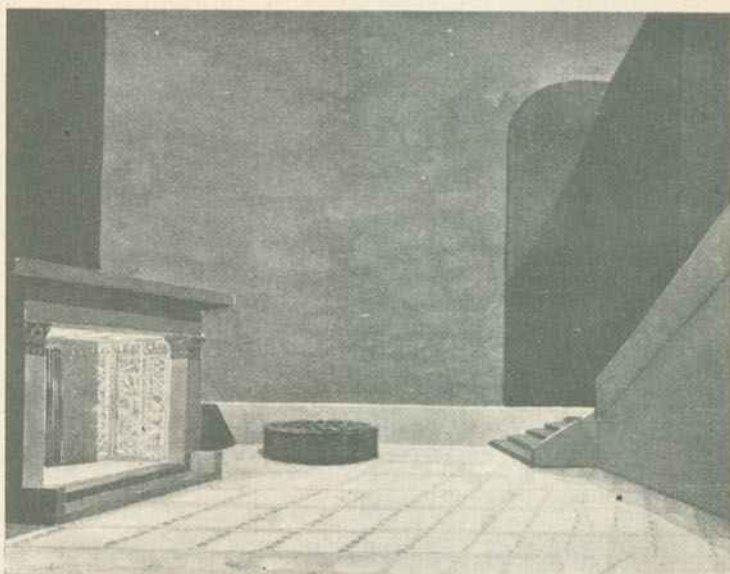
A ENSCENAÇÃO DA «SALOMÉ»

A nota artística mais saliente da quinzena deu-a Amélia Rey Colaço, arrojando-se a pôr em scena a tão falada *Salomé* de Oscar Wilde, na sua festa brilhante de actriz-empresária. Graças à sua audácia — coisas dessas, em Portugal, ainda são audaciosas! — Lisboa viu, finalmente, a *Salomé*, escrita primitivamente em francês, para Sarah Bernhardt, e representada a primeira vez, em 1866, por Lugné Poé, com Lina Munte na protagonista.

Não me compete dizer do desempenho da obra, que é comentada noutra página da *Ilustração*. *Salomé* tem, porém, fora do dramático e do histriónico, aspectos que interessam à crítica de arte, e que, por conseguinte, não implicam redundância ou invasão de funções, quanto à sua apreciação.

Para a realização scénica do acto wildiano, a *Salomé* portuguesa, ruiva e alva, buscou a feliz colaboração de Raúl Lino, que não se estreaava no género, pois já tem trabalhado para o palco. Encarregado de dirigir a montagem da obra impressionante, o architecto de *A nossa casa* cingiu-se o mais possível ao espirito da violenta tragédia, planeando um scenário severo e vestindo as figuras com acentuados contrastes.

Sem procurar o rigor histórico, descabido, nem enveredar pela mirabolância fantasista, possivelmente irritante, Raúl Lino compreendeu excelentemente o carácter lunar-dos nocturnos quadros que o misogino inglês justapôs, preocupando-se com a iluminação da scena por meio



Scenário da «Salomé» (Projecto de Raúl Lino)

Dita, em poucas palavras, a concepção do scenógrafo, vejamos ligeiramente os figurinos, alguns dos quais se reproduzem neste breve artigo.

Salomé, bailadeira da morte, princesa enlouquecida de perversa cobiça, namorando o beijo vivo ou morto de Iokanaan, é tóda branca e gualda, das côres do desespero e do desmaio: visão criselefantina, cuja boca parece escorrer sangue, sob a torpez do olhar perverso. Semi-veste-a dos flancos a base, esvoaçante suia amarela, fendida dos lados. O mais, tronco, braços, colo, o busto e o dorso, é carne, aqui, além, acolá, tatuada a pérolas. Na juba emmaranhada, há placas de ouro nas madeixas da frente. Axer-

esperada, foi o achado do vestiarista! — Herodes é roxo e vermelho — vinho e sangue! — com brincos de ouro, grinalda de rosas, e esmeraldas nas sandálias, ao passo que, na indumentária solene de Herodias, a incestuosa, predomina o tom verde, da malvadez esperançosa, coberta pelo turbante enjahlado, de onde saem como cobras, as tranças ennastradas, ao reluzir dos brincos triangulares.

Cuidadas foram também outras figuras: a de Narrabot, capitão da guarda, a do Capadócio, a do Núbio, a do Escravo do facho, e até, anegralhada, a de Nauman, o carrasco, com o seu máximo acessório, a arma decisiva.

Pelo esforço inegável, e pelos frequentes acertos, que a realização scénica da *Salomé* representa, todos os louvores são devidos à iniciativa singular de Amélia Rey Colaço e ao talento construtor de Raúl Lino, sempre pronto a trabalhar e a descobrir.

Da aliança desses dois nomes, o da corajosa empresária e o do architecto encenador, resultou a interessante segunda parte do espectáculo de 19 de Abril, no Politeama.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

Figurinos de Raúl Lino.



Herodias

de uma lâmpada suspensa do alto, capaz de projectar sombras mais naturais do que as dos vulgares luars de teatro, e pondo no átrio decorado da sala do festim com intenso clarão de braseiro, em meio da treva azulada do terraço quadriculado, que as sólidas muralhas da cidade, a perder de vista, não sei se dominam ou esmagam. O fundo da scena é um céu de estrêlas raras, limitado em baixo pelo parapeito, junto do qual redondeja, límosa e gradeada, a cisterna-prisão do profeta a degolar.

O ambiente foi assim criado com sobriedade e carácter, sentindo-se no ar, a certa altura perfumado orientalmente, a fúria dos instintos e dos ódios, que se chocam até ao crime.



Salomé

cas de pérolas abraçam-lhe as pernas nuas, a que, por desajustadas, faltaram as sandálias encarnadas, que ela só deve tirar ao iniciar do bailado — essa dança dos sete véus, que, pelas exigências ritmicas, é o escolho maior das intérpretes de Wilde, privadas do dom de dançar.

A par de *Salomé*, cujo traje, consagrado, poucas inovações admite — a cor amarela, de-



Herodes

TERRA AFRICANA

DE DAKAR A LAGOS (IMPRESSÕES DE VIAGEM)

A bordo do «Lipary», 18 de março.

Na qualidade de um dos dois representantes oficiais do nosso país na comissão sanitária instituída pela Sociedade das Nações para estudar a assistência a prestar às populações indígenas do continente africano, o sr. dr. Damas Mora, prestigiosa figura do nosso meio médico e um espírito de charmeur que tem sabido impôr-se nos muitos Congressos de Medicina a que tem assistido, quis estabelecer para a nossa revista uma série de correspondências, de que damos hoje a primeira, registrando as observações que, no decurso da sua missão, vai colhendo. Na hora em que problemas coloniais estão obtendo o vivo interesse do público, estas crônicas de viagem nas terras africanas não-de, pela certa, conseguir o aprêço dos nossos leitores.

... Dou por mim no convés do «Lipary», confortável paquete dos «Chargeurs Réunis», que vai de rota batida a Dakar. Sinto-me ainda mal desperto do pesadelo dos meus três últimos dias de Lisboa, aguardando impaciente nos sombrios corredores do Ministério das Colônias o findar das formalidades burocráticas indispensáveis para me ser concedida, mais ao colega Ornelas, a autorização para seguirmos como delegados do Governo Português nesta missão sanitária organizada pela Sociedade das Nações.

Não houve empenos a dificultar o expediente; mas este é de si tão moroso, que, a seguir-se o ritmo normal e todas as vias competentes, o que se despachou em 3 tercia consumido 24 dias pelo menos.

Foi a correr que entrouxei roupas, canbiei dinheiro, fiz despedidas, tomei o último com bóio útil para o Porto, onde poucas horas depois acostava o barco, que ora me transporta.

Seguem conosco os delegados belgas, Dr. Duren, inspector da mão de obra indígena no Congo Belga, e Dr. Besnard, inspector das Companhias Sul-atlânticas de Navegação, e o delegado de Guatemala, Dr. F. Murga, cuja experiência sob o ponto de vista da febre amarela nos pode ser preciosa. E em Dakar esperam-nos os delegados ingleses Sir E. Thornton, sub-chefe dos serviços de saúde da União Sul Africana, Dr. Pirie, que representa a Costa do Ouro, Dr. O'Hara May, da Serra Leoa, e Dr. Proteous, delegado da Nigéria, o delegado espanhol Dr. Rocafort Gasulla, inspector dos serviços de saúde em Fernando Pó; finalmente, os delegados franceses Drs. Alphonse Durieu, representando o Senegal. Juntar-se-hão à missão o Dr. Suldey no Sudão e Luisi no Togo.

Estarão presentes na conferência final em Serra Leoa o Inspector Geral dos Serviços de Saúde das Colônias Francesas, Dr. Lasnet, general de divisão, e o chefe do Serviço de Saúde do Congo Belga e meu velho amigo, Dr. Trolli, de quem lembro com saudade o apoio entusiástico que prestou à realização do Congresso de Loanda.

Como organizador da expedição, orientador dos trabalhos, depositário dos dinheiros da S. das N., delegou esta plenos poderes no Dr. Destouches, membro do seu comité de Higiene, o qual conta já no seu activo igual encargo em 4 missões anteriores, e de cuja competência me disseram maravilhas o prof. Ricardo Jorge, seu colega no comité, e os outros médicos meus companheiros de viagem.

Exceptuados os países orientais de densa e super-abundante população, não penso que haja no globo zona mais alanhada de epidemias do que a facha africana que se estende de trópico a trópico. Desde a moléstia do sono, que tem

Recentemente uma outra doença contagiosa, vinda não se sabe de onde, arremeteu pelo Sudão, matando por ano mais de 100.000 indígenas: a febre recorrente de Obermeyer (bem mais grave do que a vulgar recorrente africana transmitida pela carraça). E' seu vector o piolho do corpo, o que explica tivessem escapado ao assalto as tribus do noroeste, cujo vestuário se limita a um sumário langotim tapando o sexo.

Tem seus laivos de tragédia esta luta de milhares de anos entre a natureza, que, impassível, inexorável, contraria com tenacidade o predomínio exclusivo de toda a espécie viva, vegetal, animal ou humana, contra o homem primitivo, ignorante, opondo passivamente a sua resistência organica, defendendo com teimosia a sua raça, à custa de formidáveis hecatombes de individuos, conquistando após séculos de resistência a imunidade para a febre amarela e o paludismo, até estabelecer-se o equilíbrio, um armistício em virtude do qual o indígena não progride em número, mas conserva a comunidade.

O branco veio provavelmente romper este equilíbrio, em favor do seu irmão de cor. Impôs pela força a paz entre as tribus. Ensinou novos processos de cultura, de irrigação e de previdência para que não haja fomes nos períodos de seca. Trouxe o microscópio, as vacinas, o atoxil, o 914, as regras higiênicas, a puericultura. Debeladas as epidemias, vencido finalmente o meio, a raça negra vai certamente multiplicar-se porque a sua prolificidade é grande.

Além da constatação perfunctória do estado sanitário desta parte da Africa, a Sociedade das Nações deliberou mandar estudar o local onde assentar um «bureau epidemiologique», a fim de concatenar as informações dos diferentes governos, das colônias da costa, e assistir bem documentada ao combate

anti-epidémico, em que vão colaborar os médicos de todas as nacionalidades.

Não se pode dizer, pelo que atrás se expôs, que esta iniciativa não seja interessante e útil.

Quanto a resultados, o Comité de Higiene está muito satisfeito com os obtidos no Bureau que já funciona em Singapura, para o Extremo Oriente. Oxalá o mesmo suceda na Africa Occidental!

A. DAMAS MORA.



OS DELEGADOS DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES EM MISSÃO NA AFRICA OCCIDENTAL.

Da esquerda para a direita. — Sentados: Drs. Destouches (Francia), Damas Mora (Portugal), Lasnet (Francia), Thornton (União Sul Africana).

Em pé: Drs. Rocafortie (Espanha), Durieu (Francia), Pirie, O'Hara May, Proteous (Colônias Inglesas), Ornelas (Portugal), Murga (Guatemala), Duren e Bernard (Belgica).

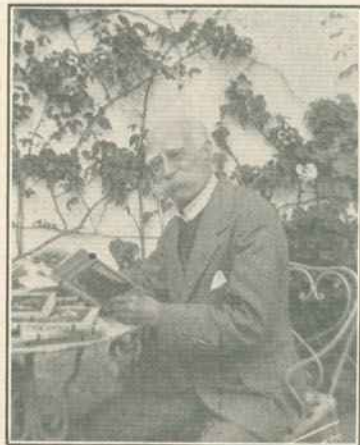
Os três a direita: Drs. Curry, Gravella, Brau, fazem parte do corpo clinico de Dakar, mas não pertencem à missão.

destruído milhões de individuos e a varíola, cujas victimas se contam por centenas de milhar, até a febre amarela quasi extinta e a peste que apareceu ha 12 anos, passando pela gripe pneumónica, e a meningite cérebro-espinal, não há flagelo que a natureza não tenha brandido sobre esta miserável população já dizimada por guerras continuas entre tribus, pelo escravismo e pelas fomes periódicas, isto sem falar na mortalidade infantil — chaga aberta de todos os povos atrasados, na frase incisiva do professor Firmino Sant'Ana.

JULIO DE CASTILHO

EVOCADO POR UMA SENHORA DA SUA AMISADE

Quis um delicado espirito de mulher, que tem cultivado, dentro de uma atmosfera de modestia, as belas-lettras, evocar, no pequeno artigo que inserimos, a figura cheia de gentileza e de bondade do escritor ilustre a quem Lisboa ficou



JULIO DE CASTILHO

Que teria completado ontem, 30 de Abril, 86 anos de idade, se vivo fosse

devendo algumas das mais belas páginas da sua história. Por nos parecer interessante, pelo seu carácter puramente emotivo e alheio a objectivos de crítica, este depoimento da Sr.ª D. Maria do Carmo Peixoto — este é o nome da sua autora — arquivamo-lo de bom-grado nesta página da «Ilustração»:

UMA grande amiga de Castilho pedindo-me (pedido que muito me honrou) para escrever algumas palavras sobre o glorioso português, aconselhou-me: — Deixe falar o seu coração.

É pois com o meu coração que escrevo. Relevem-me a pouquidade e a imperfeição da forma, pela beleza e doçura do motivo.

Falar porém de Aquele que foi para mim (e continua a sê-lo do Céu) um dos maiores amigos que a Providência me concedeu, é viver retrospectivamente.

Com que saúde e gratidão o evoco! Uma tarde uma rapariga tímida e feiasinha, mas de uma intensa vida interior, foi bater confiadamente à porta número onze da Travessa do Prior, no Lumiar.

O coração tremia-lhe de ansiedade, mas a sua fome de verdade, fome que ainda conserva através de tudo, encorajou-a.

E quando se viu sentada na sala da livraria, no primeiro andar, junto da grande mesa carregada de livros e papéis, ao lado do Visconde Júlio de Castilho, que a olhava com aqueles seus grandes olhos luminosos e bons, ousou dizer ao que ia: nada mais, nada menos que pedir a opinião sincera do Mestre sobre os seus versinhos!

Conversaram. Garinhosamente, Júlio de Castilho recebeu o manuscrito, prometeu a sua lei-

tura e a sua sentença, e levou galantemente pelo braço até à porta da rua a visitante, que chegou a Lisboa alegre como um passarinho. Poucos dias depois recebia do Visconde uma carta, uma lição que a ia endoidecendo de alegria!

Assim se estabeleceram as minhas relações com Júlio de Castilho.

Mais tarde tive n'Ele o Mestre severo, incapaz da lisonja balôfa e perigosa, e o amigo, o conselheiro, o amparo moral que chorarei e bendirei enquanto viver.

As suas cartas, que religiosamente conservo, escritas naquela sua linguagem castiça e fluente, são ainda para mim a fonte certa de consolação e de estímulo. Bendita seja a sua memória!

Nunca houve ninguém mais leal. O amor pela verdade era n'Ele uma religião.

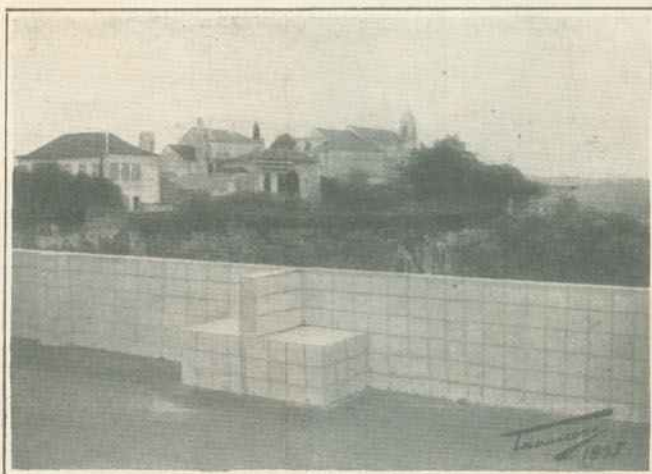
D. Tomás de Vilhena, no seu belo artigo no In-Memorian, diz: «Assisti a uma boa parte da formação da «Lisboa Antiga» e foi-me dado constatar como a rectidão de alma do grande escritor se espelhava na sua obra.» Que cuidados não punha Ele em apurar a verdade! Foi sempre o amante apaixonado da verdade. A sua admiração pelo Pai eternecia. A firmeza do seu carácter convertia. Ele era bem aquele:

*Homem dum só parecer,
Um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar que torcer.*

Com a mesma pureza com que escrevia na nossa formosa lingua, escrevia em francês. Veja-se neste lindos versos, que um dos seus maiores e mais queridos amigos julga inéditos, a confirmação do que digo:

LE RÊVE DE LA NONNE

*Aux pieds des orangers rêveuse elle pleurait;
Le soir descendait calme et sombre;
Quand soudain, du fond d'un bosquet,
Un bel enfant sortit de l'ombre.*



AMIEIROIRA. — Vista parcial, vindo-se à esquerda a casa habitada, durante alguns anos, por Júlio de Castilho e onde, entre outros trabalhos literários, escreveu a «Moicidade de Gil Vicente», publicada em 1896.

*Il s'avance; la cloche a tinté l'Angélus.
La nonne voit l'enfant, qui tendrement l'apaise.
«Courage! — lui dit-il tout bas-ne pleure plus.
«Quel est ton nom?» — «Thérèse de Jésus».
«Courage! et moi, je suis le Jésus de Thérèse».*
3 de Abril de 1866.

JULIO DE CASTILHO.

Pois esse incansável e extraordinário obreiro da «Lisboa antiga», das «Memórias de Castilho», do «Vieira Lusitano» e de tantas outras obras magníficas, o puro cinzelador das puras «Manuelinas», o glorificador amoroso de Portugal, desconhecia a soberba ou o orgulho, tendo aliás um verdadeiro culto pelo seu nome.

Era de uma bondade ingénua quasi humilde. É que a humildade cristã é uma irradiação da verdade. Ser humilde é estar na verdade. Castilho viveu a sua grande obra e entranhadamente a estremeceu.

Lembro-me do seu entusiasmo quando estudava a vida do Vieira Lusitano.

Apesar de adorar Lisboa como amante fiel, as suas últimas residências escolheu-as nos seus arredores, Olivais, Ameixoeira, Lumiar, onde sempre foi visitado por amigos, admiradores e discípulos. Era um gentilíssimo conversador.

Como todos os espiritos místicos, gostava também muito do campo e da solidão. Apreszilha meditar entre árvores e flores. Na solidão é mais perfeita a comunhão da criatura com o seu Criador. A alma respira melhor. E a sua fé era clara como um dia de sol, forte como um rochedo. Viveu e morreu como justo a sombra da árvore frondosa de que fala o livro santo. «O Cruz fiel, única árvore digna de honra, bosque algum produziu outra semelhante em folha, em flor, em fruto. Doce lenho, doces cravos, que susteem um doce peso».

O Visconde Júlio de Castilho colheu da árvore bendita os frutos da verdade, a virtude, a sabedoria, o amor e o sofrimento; e, à sombra das suas ramagens. Aquele velhinho de tamanha estatura espiritual, cheio de glória, adormeceu no Senhor, depois da afadigosa jornada, docemente, como um menino nos braços maternos.



Os PRODUTOS MARYA
são os preferidos por tôdas
as senhoras, porque são os
unicos nacionais que desa-
fiam a concorrência dos es-
trangeiros.

criações da:

Perfumaria da Moda

5, RUA DO CARMO, 7

LISBOA



**AGUA DE
COLONIA
MARYA**

EGUAL AS MELHORES MARCAS INGLESAS

CIGARROS ARAKS



EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE
E AROMA

À venda em tôda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho
R. 1.º de Dezembro, 7

Veramon

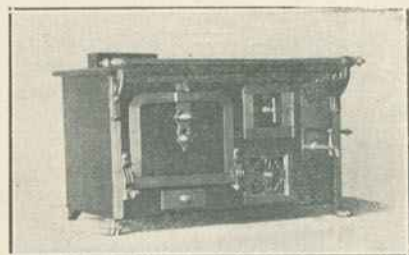


**acalma
as dôres.**

Veramon *Schering* em comprimidos

é o melhor remédio contra todas as espécies
de dôres principalmente da cabeça e dos dentes
Não ataca o coração. Não causa sono.
Encontra-se em todas as farmacias e drogarias.

ALBERTO DA SILVA



Colunas e vigamentos em tôdas as dimensões. — Portas onduladas, ferros para alfaiate, torradores, etc.

O melhor fabrico e o melhor depósito de Lisboa

Telef.: Central 24

OFICINAS GERAIS: Rua do Sol (a Chelas) 38 e Escadas do Monte, 9
ESCRITÓRIO E OFICINA: Rua Arco Bandeira, 129 e 131

O MELHOR DEPURATIVO DO SANGUE
é o Depurativo do Dr. R. Wolff, de Berlim

Facilita a eliminação das impurezas do sangue, quer sejam de origem sífilítica, eczematosa, herpética, etc.

Faz desaparecer as manchas da pele, as feridas da cabeça de origem sífilítica, as dores nos ossos, o reumatismo crónico, a velhice precoce dos antigos sífilíticos, etc.

Na primavera e no outono, estações do ano em que as impurezas do sangue alloram à pele, deve sempre fazer-se um tratamento depurativo. A sua acção é tão rápida, que se manifesta logo nos primeiros dias de tratamento, o que prova a sua grande efficacia. Sendo absolutamente inofensiva, pode ser tomado por crianças, senhoras ou adultos de fraca construção.

Toma-se na dose de 1 a 2 comprimidos a cada refeição, durante 2 mezes na primavera e 2 mezes no outono.

Cada tubo, 10\$00; 6 tubos, 54\$00. Pelo correio, mais 1\$00.

Agentes para Portugal e Colonias: F. SILVA — 188, Rua da Madalena, 190. A venda na FARMACIA PORTUGAL — 216, Rua Augusta, 218 — LISBOA.

Foi a COOPERATIVA LISBONENSE DE CHAUFFEURS quem instituiu, entre nós, o transporte económico em automóveis.

Os leitores da *Ilustração* teem portanto o dever de preferir os seus taxis Citroen (palhinha amarela) a quaisquer outros. Serviço permanente de noite e dia.

Há sempre carros à chegada de todos os combóios, na estação do Rossio.

Pedidos a qualquer hora pelos telefones N. 5521 e 5528.

ESCRITÓRIOS E GARAGE:

Rua Almirante Barroso, 21 — LISBOA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

LIVREIROS EDITORES

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Tele {fone: CENTRAL 1084
{gramas: LIBERTRAN — LISBOA

Fornecimentos e informações de tôdas as publicações nacionais e estrangeiras.

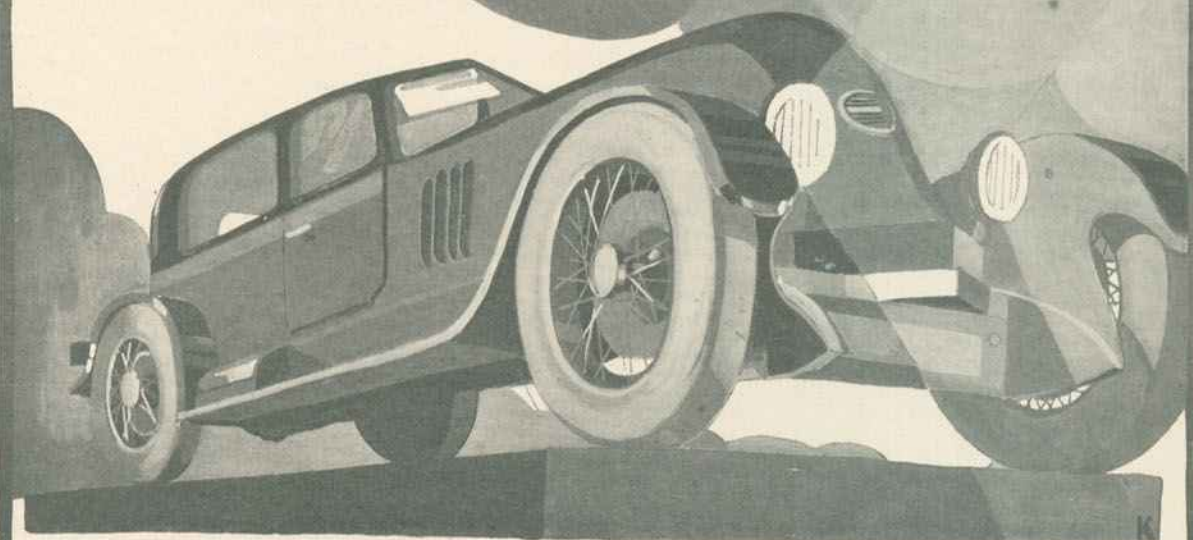
Na volta do correio são enviados todos os livros que lhes sejam pedidos, a cobrar ou mediante a importância acrescida do porte.

SEMPRE GRANDES STOKS DE NOVIDADES
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

OS LIVROS ESTRANGEIROS SÃO
VENDIDOS AO CÂMBIO DO DIA!

DEPOSITÁRIOS E CORRESPONDENTES EM TODO O CONTINENTE, COLÓNIAS
E ESTRANGEIRO

Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.^{DA}
AUTO-PALACE

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,
HUDSON e ESSEX



FOGÕES DE COSINHA

DE CHAMA AZUL E SEM CHEIRO

São indispensáveis pela sua comodidade, accio e economia de trabalho e de dinheiro.

Pelas suas especiais condições de funcionamento, pôde-se acender cada chama separadamente, conforme fôr necessário.

FÁCIL MANEJO

Exija sempre

PETRÓLEO



SUNFLOWER

para obter os melhores resultados

VACUUM OIL COMPANY

RUA DA HORTA SECA, 15-17 TELEFONE 980 TRINDADE (7 LINHAS)

Tambem á venda na casa J. J. RUGERONI

Rocio, 67 — Telef. N. 3075

A quem apresentar este talão, faremos um desconto de Esc. 35\$00 sobre o preço destes Fogões.
 NOME _____
 MORADA _____
 Valido até 31 de Mar de 1926.